

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

LEANDRO JUNG

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE NA PERSPECTIVA DA
APROPRIAÇÃO E DA PRODUÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL**

CRICIÚMA

2014

LEANDRO JUNG

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE NA PERSPECTIVA DA
APROPRIAÇÃO E DA PRODUÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciado no curso de Artes Visuais – Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva

CRICIÚMA

2014

LEANDRO JUNG

**A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE NA PERSPECTIVA DA
APROPRIAÇÃO E DA PRODUÇÃO ARTÍSTICO-CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciado no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 24 de novembro de 2014. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Silemar Maria de Medeiros da Silva – Mestre em Educação - (UNESC) -
Orientadora

Prof^a. Aurélia Regina de Souza Honorato – Mestre em Educação - (UNESC)

Prof^a. Odete Angelina Calderan – Mestre em Artes Visuais - (UFSC)

**A todos aqueles que fazem da Arte
o alimento de todos os dias.**

AGRADECIMENTOS

O mio Signore
in questo mondo
io non ho avuto tanto
eppure sono contento
sono contento.
O mio Signore
io ti ringrazio
di ogni cosa che ho avuto
grazie per tutto quello
che Tu hai fatto per me.

Mogol - Vianello (1963)

Não sei se consigo agradecer escrevendo tudo que sinto e quero dizer. Se fosse escrever faltaria papel e tinta. Mas escrevo que estou muito feliz de ter encontrado pessoas maravilhosas nesta caminhada acadêmica que me fazem ser Leandro Jung.

Talvez eles nem saibam direito desta pesquisa de conclusão de curso, mas meu amor é pelos atos mais simples, a cada porongo plantado e colhido, cada argila arrancada, pelo meu maior presente: meu atelier. Pai e mãe: Mario Jose Jung e Márcia Regina Cattaneo Jung, muito obrigado por estarem sempre comigo em todos os momentos, respeitando as escolhas de seu filho. Agradeço também ao meu irmão Joel, meu tio Nilson e ao meu querido nonno Vitório Jung que está sempre conosco independente de onde esteja.

Agradeço aos professores que tive na graduação em Artes Visuais – Licenciatura, Maria Marlene Milanese Just, Angélica Neumaier, Marcelo Feldhaus. A professora orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva por ter aceitado me orientado neste desafio. A minha banca, as duas professoras que tomei como inspiração para esta pesquisa: a professora-artista Odete Angelina Calderan e a professora Aurélia Regina de Souza Honorato. Muito obrigado!

Agradeço também aos meus amigos, William Marcos Machado, Eliane Aparecida Casagrande, Paula Oliveira da Silva De Lucca, Juliana Pereira Guimarães, Mariana Marcello Dal Molin e Franciéli Marcelino de Guimarães.

**Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
a gente quer comida, diversão e arte.**

Arnaldo Antunes

RESUMO

A presente pesquisa busca refletir sobre a ampliação de repertório artístico-cultural na perspectiva da produção e da apropriação artística dos professores de arte. Discutindo sobre se o professor de arte amplia o seu repertório artístico-cultural, defendendo a importância desta ampliação na constituição do sujeito e do profissional docente. Para discutir essa abordagem da pesquisa, dialogo com Duarte Jr. (2012), Nardim e Ferraro (2001), Leite e Ostetto (2003), Goulart (2004), Minayo (2009), Honorato (2011), Bondía (2002), Brasil (2000), Martins, Picosque e Guerra (2004), Coli (2006), Cauquelin (2005), Arslan e Iavelberg (2013). A pesquisa é de natureza básica, na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESCO. A pesquisa de campo teve como público alvo os professores formados em Artes Visuais – Licenciatura UNESCO, serviu para a coleta de dados uma oficina contemplada em um espaço de narrativa. O resultado da pesquisa trouxe mais questionamentos do que propriamente um resultado concreto em relação a essa ampliação de repertório pós formação acadêmica, entendendo a importância dos professores de arte buscarem ampliar os repertórios artísticos-culturais, sabendo que o que alimenta o ensino de arte é a Arte. Com a realização da oficina que proporcionei para os professores, pude perceber que poucos deles buscam ampliar os seus repertórios, estão mais preocupados com a escola e com a disciplina de arte.

Palavras-chave: Arte; Formação de Professores; Ensino de arte; Produção; Apropriação.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Cartaz da oficina.....	17
Figura 2: Marcel Duchamp. A Fonte, 1917.....	29
Figura 3: Cuia feita de porongo.....	31
Figura 4: Porongo em fase de crescimento.....	31
Figura 5: Meu pai Mário Jose Jung plantando uma muda de porongo.....	32
Figura 6: Porongos: Dança Italiana, 2011.....	33
Figura 7: Os Espanhóis, 2012.....	33
Figura 8: Dançarinos Alemães, 2012.....	34
Figura 9: Os Portugueses, 2012.....	34
Figura 10: Pai e Mãe: Eu, 2012.....	35
Figura 11: Porteiras da vida, 2012-2013.....	35
Figura 12: Sem título, 2013.....	36
Figura 13: Imagens do Rio Palmeira: Orleans, 2014.....	37
Figura 14: Meu atelier/galeria, 2014.....	37
Figura 15: Perfil Gráfico das disciplinas do Curso de Artes Visuais Licenciatura.....	47
Figura 16: Bilhetes com as palavras.....	51
Figura 17: Contextualização das minhas produções artísticas.....	54
Figura 18: Conhecendo os porongos.....	55
Figura 19: Iniciando as produções.....	56
Figura 20: As produções finalizadas.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LDB Lei de Diretrizes e Bases

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

PPC Projeto Pedagógico dos Cursos de Graduação

SC Santa Catarina

TCC Trabalho de Conclusão de Curso

UFSC Universidade Federal de Santa Catarina

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

DBAE Discipline-Based Art Education

SUMÁRIO

1 QUE HISTÓRIA É ESSA?	11
1.1 CAPÍTULO POR CAPÍTULO.....	13
1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA.....	14
2 AMPLIANDO OLHARES SOBRE ARTE	20
2.1 QUE ARTE É ESTA QUE ESTOU FALANDO?	26
2.2 UMA ARTE CADA VEZ MAIS PRÓXIMA.....	30
3 DA ÁRVORE AO RIZOMA: O ENSINO DE ARTE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR	39
3.1 BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL.....	40
3.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	43
3.3 O CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA DA UNESC.....	45
3.4 PROFESSOR-ARTISTA.....	48
4 UM POUCO MAIS NAS NOSSAS BAGAGENS	50
5 AMPLIANDO OLHARES COMO OS ARTISTAS REGIONAIS	59
6 CONCLUSÃO: NOVOS CAMINHOS	62
REFERÊNCIAS	64
APÊNDICE(S)	68
APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO	69
APÊNDICE B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO	70
ANEXO(S)	71
ANEXO A – CARTAZ DA I COLETIVA DE ARTISTA DO SUL E II COLETIVA DE ARTE CATARINENSE	72
ANEXO B – CARTAZ DA II COLETIVA DE ARTISTA DO SUL	72

1 QUE HISTÓRIA É ESSA?

Eu ando pelo mundo
 Prestando atenção em cores
 Que eu não sei o nome
 Cores de Almodóvar
 Cores de Frida Kahlo
 Cores! [...]

Adriana Calcanhotto

Cresci olhando para o céu imaginando coisas nas nuvens, desenhando na terra, as idas e vindas na roça com meus pais, os pés sujos de lama, não me recordo o que me despertou o gosto pela Arte¹, mas penso que sempre esteve comigo. Já carregava uma curiosidade, a que chamo aqui de a busca pela Arte, embora muito pouco sobre ela conhecesse, sentia a cada dia mais a vontade de me entregar às novas descobertas, a experimentação. E isso foi se intensificando na escola desde o primário até o ensino médio e depois no curso Técnico de Design, as aulas de arte² sempre foram muito significativas. Hoje penso que devo muito aos meus professores de arte, pois foi na escola que me foram apresentados os artistas e a história da Arte, sinto que isso tudo justifica eu estar em um curso de licenciatura.

No Curso de Artes Visuais – Licenciatura da UNESC, cada semestre era uma nova busca em cada disciplina, as aulas de pintura com a professora Maria Marlene Milanese Just, de serigrafia e gravura com a professora Angélica Neumaier, de escultura e cerâmica com a professora Odete Angelina Calderan, as aulas de teatro com o professor Marcelo Feldhaus, e tantos outros momentos. Tivemos ainda, visitas às exposições, idas ao teatro, concertos, saraus entre outras proposições que o curso oportunizou para fomentar, em nós acadêmicos, o gosto pela Arte. Fazíamos o exercício da ampliação do repertório artístico-cultural, na perspectiva de sermos profissionais da área movidos pela produção e apropriação de Arte.

A motivação por esta pesquisa veio com alguns questionamentos particulares a partir do princípio de que os nossos professores da graduação nos levavam ou incentivavam a visitar as exposições de Arte ou uma ida ao teatro ou cinema. Com essas oportunidades sempre ficava me questionando se os

¹ Trago a palavra “Arte” em maiúsculo quando me refiro a arte propriamente dita enquanto área do conhecimento.

² Apresento a palavra com letra inicial minúscula para me referir a disciplina de artes na escola.

acadêmicos formados continuam ampliando o seu repertório artístico-cultural? E como ampliam?

Relaciono as experiências no curso com aquilo que quando criança tinha como brincadeira, falo dos momentos em que explorava diferentes materiais, hoje pontuo como o exercício da experimentação somado a ampliação do repertório na perspectiva da apropriação em Arte. Enquanto criança era um repertório de cores, texturas, luz, movimento, equilíbrio, formas e volumes. Como acadêmico esta ampliação de repertório deve estar relacionada não apenas com os elementos do cotidiano, mas também ao capital artístico-cultural. Recebemos constantemente incentivos para visitar exposições de Arte, ir ao cinema, ao teatro, visitar ateliês de artistas e a termos experiências no fazer artístico.

O que venho defender nessa pesquisa é que esta ampliação de repertório deve perpetuar também na profissão docente, portanto pontuo como fio condutor deste desafio reflexões que cercam a ampliação de repertório artístico-cultural na perspectiva da produção e da apropriação em Arte por parte dos professores. Parto da compreensão de que o exercício da ampliação de repertório não termina com a graduação, ela deve perpetuar durante todo o percurso profissional.

Proponho diálogo com tema desta pesquisa a partir das seguintes questões norteadoras: os professores continuam tendo novas experiências estéticas? Será que estão inseridos no mundo da Arte? Continuam frequentando exposições de Arte, indo a museus, teatro, cinema, etc.? Será que estes professores continuam tendo experiências no fazer artístico? Ou ele é apenas um professor que somente propõe e não vive a Arte? Como estabelece as relações entre ser professor de arte e a ampliação do seu repertório com as diferentes experiências estéticas?

Como problema de investigação pontuo: **Os professores de arte buscam ampliar seu repertório artístico-cultural considerando o que o curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC propõe no seu período de formação?**

Venho por meio desta pesquisa levantar questões para melhor refletir sobre as necessidades da Arte, defendendo a ampliação de repertório artístico-cultural, para todo ser humano mais especificamente os professores de arte. O que alimenta o ensino de arte é a Arte, e para isso os responsáveis pelo ensino de arte, devem estar inseridos no contexto artístico-cultural, para fomentar e ser fomentador do desejo criador, da imaginação, da percepção, a ver as coisas com um outro olhar. A ver o que antes não via como afirma Duarte Jr. (2012, p.68), “pela Arte somos

ainda levados a conhecer aquilo que não temos oportunidade de experimentar em nossa vida cotidiana.” E o professor de arte deve proporcionar aos seus alunos estas experiências com as linguagens da Arte.

A presente investigação assume como objetivo: “Investigar se os professores formados em Artes Visuais – Licenciatura UNESC, buscam manter as experiências estéticas propostas pelo curso no seu período de formação.” Uma vez que a formação é um processo permanente, de sempre estar em busca do novo, ampliando o repertório com novos conceitos e experiências estéticas, penso ser relevante esse olhar que busca compreender como isso acontece – se acontece – depois dos acadêmicos formados.

Para tanto segue o mapeamento dos capítulos e as questões metodológicas.

1.1 CAPÍTULO POR CAPÍTULO

No primeiro capítulo Para início de conversa, conto um pouco da minha história, minhas experiências de menino e as vivências na graduação, pontuo o problema de pesquisa, as questões norteadoras e o objetivo. Apresento esse mapeamento dos capítulos trazendo os autores com quem dialogo de acordo com os temas abordados, ainda descrevo a metodologia da pesquisa, e as questões que envolvem a pesquisa, determinando o público alvo e descrevo a oficina que se fez enquanto espaço de narrativa para a coleta de dados. Para tanto o diálogo teórico acontece a partir do que defende Minayo (2009), Goulart (2004), Thiollent (2005), Honorato (2011), Duarte Jr. (2012) e Leite (2011).

Para o segundo capítulo para falar de Arte, ampliação de repertório e de experiência estética, remeto-me a autores como Bondía (2002), Leite (2005 e 2008), Brasil (2000), Yunes e Silva (2005), Martins, Picosque e Guerra (2010), Martins (2005), Gabre (2014), Coli (2006), Nardim e Ferraro (2001), Lopes (2006), Duarte Jr. (2012), Pereira (2004) e a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998). E para falar de história da Arte dialogo com Janson; Janson (1996), Andrés (2000), Cauquelin (2005), Nardim e Ferraro (2001) e Brasil (1996). Neste mesmo capítulo, conto um pouco do processo criativo de algumas das minhas produções artísticas,

em que chamo de Uma Arte cada vez mais próxima.

É no terceiro capítulo que continuo a nossa conversa a respeito de ensino de arte, história do ensino da arte no Brasil e a formação do professor, o diálogo acontece com Martins, Picosque e Guerra (2010), Ferraz e Fussari (2009), Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), Brasil (2000), Brasil (1996), Nardim e Ferraro (2001), Arslan e Iavelberg (2013), Pillotto (2008), Leite e Ostetto (2003), Freire (2011), Lopes e Rodrigues (2005). No subcapítulo: Artes Visuais – licenciatura – UNESCO, vou buscar conceitos em Toldo (2010), Lampert (2010) e faço uma breve análise do PCC de Artes Visuais Licenciatura (2014). E no 3.4 Professor-artista converso com Cunha (2013).

No quarto capítulo relato e analiso exclusivamente as informações coletadas com a pesquisa de campo na oficina que se fez enquanto espaço de narrativa, faço uma reflexão junto a com a Brasil (1996), Leite (2005), Carvalho (2005), Coli (2006), Martins, Picosque e Guerra (2010) e Freire (2011)

No capítulo Ampliando olhares com os artistas regionais, apresento minha proposta de curso, contemplando alguns artistas da região sul do estado de Santa Catarina, dialogando com Leite (2008), LDB (1996) e Pillotto (2008). Mais ao final apresento a conclusão desta pesquisa ou novos caminhos para um novo desafio. Em seguida as referências que me nortearam nesta pesquisa, os apêndices e anexos.

1.2 A METODOLOGIA DA PESQUISA

Afirmo desde o início deste trabalho o desejo de conhecer cada dia mais sobre Arte e suas linguagens, seu universo grandioso de coisas extraordinárias para serem vivenciadas e experimentadas, nesta mesma perspectiva, venho inserir-me não apenas como aprendiz de pesquisador, coloco-me como aprendiz de artista com o mesmo sentimento de busca, para tentar esclarecer ou ao menos provocar questões que cercam a ampliação de repertório artístico-cultural dos professores de arte, pensando na apropriação e na produção artística.

Toda pesquisa deve ser alimentada pelo desejo de busca do conhecimento, pela necessidade de não se calar, pesquisa requer tempo, delete,

esforço e algo muito importante como afirma Goulart (2004, p.67) “pensar a pesquisa no mundo contemporâneo significa pensar o papel do professor na perspectiva do aprender a aprender”. Saliento, assim, a importância da pesquisa para os professores no processo de ensino e aprendizagem. Minayo (2009, p.16) entende a pesquisa como algo que:

[...] alimenta a atividade de ensino e atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção na vida real, nela encontrando suas razões e seus objetivos.

Esta é uma pesquisa sobre Arte, com base na linha de pesquisa em Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC, pois tenta estabelecer as possíveis relações dos professores formados com a Arte na perspectiva da produção e apropriação artístico-cultural. Uma pesquisa sobre Arte de acordo com Leite (2011, p. 30) “é aquela que é feita por pesquisadores tendo, como produto final um texto, e que se assemelha metodologicamente, a outras pesquisas na área de ciências humanas.” Trata-se de uma pesquisa de natureza básica, objetivando novos conhecimentos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista.

O problema desta pesquisa sugere uma abordagem qualitativa, que para Minayo (2009, p. 21) se justifica como algo que “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos [...]”.

Com relação aos objetivos é uma pesquisa descritiva, pois trabalha com coleta de dados por meio de uma oficina tendo como público alvo os formados em Artes Visuais – Licenciatura da UNESC.

Pensando a coleta de dados, costuro a ideia de uma entrevista não formal que vem ao encontro do conceito dos espaços de narrativas que de acordo com Honorato (2011, p. 117), “constituem uma forma diferenciada de ouvir o que, num momento de entrevista estruturada, não é dito.” E é justamente esta forma diferenciada que busquei para a coleta de dados, uma forma de querer ouvir sem perguntar de forma direta, deixar o papo fluir sem perder o foco da discussão, por isso uma entrevista não formal sem perder a ideia do conceito dos espaços de

narrativas.

Assumo, assim, o espaço de narrativa como uma proposta metodológica de coleta de dados. Quando afirmo a opção pela entrevista não formal, proponho um espaço provocador, um espaço que fomente a fala sobre Arte. Pensar esse espaço enquanto um espaço de narrativa pode não contemplar inteiramente o próprio conceito desse termo, uma vez que trago a entrevista não formal. Quero deixar claro aqui que o que chamo de entrevista não formal é nada mais, nada menos que algumas frases ou palavras que distribuídas pelo espaço de narrativa, as quais buscam indagar falas sobre o tema desse desafio.

Estas palavras foram como fonte de conversa, perguntas ou colocações que instigam e ao mesmo tempo não direcionam, pois a intenção é que no momento da oficina os participantes falem de Arte. Coloquei palavras como: Arte; professor de arte; artista e professor; professor e artista; ampliação de repertório; visitas as exposições; linguagens artísticas.”

Tendo como público alvo os formados em Artes Visuais – Licenciatura UNESC, já que a ampliação de repertório artístico-cultural compete a todos os professores de arte, foi feito um panfleto para a divulgação, muitos foram convidados pessoalmente ou por e-mail e também por divulgação nas redes sociais.

O encontro teve a participação de seis integrantes, sendo que os seis estão ministrando aulas de arte, com formação na área, cinco dos participantes são formados em Artes Visuais – Licenciatura. Quatro possuem formação na UNESC, também participou uma professora formada em Desenho e Plástica Bacharelado – hoje é Curso de Artes Visuais – de uma universidade de outro estado, ela se colocou como professora-artista, e isso também veio de encontro de alguns assuntos tratados nessa pesquisa. O espaço de narrativa reuniu um grupo de cinco professoras e um professor, a partir desse grupo faço a análise de dados, identificando cada participante por letras de A à F, já que não pedi autorização para o uso de seus nomes, somente para o uso de suas falas.

Faz-se então, uma pesquisa ação, sendo esta de caráter participativo, democrático que visa contribuições para a mudança social, segundo Triollent (2005), o princípio desta pesquisa é diagnosticar um problema, em seguida vem à formulação das estratégias, para proceder aos caminhos para a nova situação.

A Pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (TRIOLENT, 2005, p.16)

O espaço para coleta de dados foi a oficina “Caminhos de um professor-artista em formação...” que se caracterizou enquanto espaço de narrativa foi proposta na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma, Santa Catarina, na sala 4 do bloco Z, em uma manhã de sábado do dia 18 de outubro de 2014, com início às 08:30 horas e término às 11:30 horas onde os participantes puderam conhecer um pouco mais do trabalho artístico que venho desenvolvendo de forma paralela à minha formação no Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC, abordar questões que me auxiliaram diretamente nesta investigação.

Figura 1: Cartaz da oficina

Caminhos de um professor-artista em formação...

O acadêmico Leandro Jung, do Curso de Artes Visuais - licenciatura UNESC, fala de suas produções artísticas e propõe uma oficina de criação com porongos.

Dia: 18 de outubro de 2014
 Horário: 08:30 às 11:30 horas
 Local: Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Bloco Z, sala 4. Criciúma, Santa Catarina.
 Público Alvo: Professores formados em Artes Visuais - UNESC

Sua participação é importante para o Trabalho de Conclusão de Curso "A formação do professor de artes na perspectiva da apropriação e da produção artístico cultural." Orientadora prof. Silemar Medeiros

Maiores informações :

Arte na Escola Polo UNESC
 Fone: (48) 34620555 - falar com Rosana
 artenaescola@yahoo.com.br
 leandrojung@hotmail.com



Fonte: Arquivo do pesquisador

Escolho um sábado para a realização desta oficina pensando em ser um dia acessível a todos, sendo o Atelier de Pintura - a sala 4 do bloco Z da UNESC - para a execução da oficina por ser um lugar já familiarizado por todos e de melhor acesso aos participantes. Esta oficina teve apoio do Arte na Escola, Polo UNESC foi implantado em 2005, fruto de um convênio entre a Universidade do Extremo Sul

Catarinense e o Instituto Arte na Escola³, é coordenado pelas professoras Silemar Maria de Medeiros da Silva e Amalhene Baesso Reddig, sua missão é a implementação e disseminação de ações que contribuam para a melhoria do ensino de arte na educação básica através do acesso aos recursos didáticos por ele disponibilizados.

O que chamo de oficina dentro deste espaço que aqui trato como espaço de narrativa, é um momento de produção artística tendo como suporte os porongos⁴, pois utilizo deste suporte em algumas das minhas obras. Defendo a ideia da produção – ou talvez experimentação – artística dos professores de arte, junto com a apropriação artístico-cultural com o intuito de reafirmar a importância da Arte para todo ser humano em específico os professores de arte.

Proponho diálogos com as minhas produções artísticas, colocando-me aqui como aprendiz de professor e artista, propondo momentos de conversas sobre Arte, sobre as minhas produções artísticas e em específico as produções artísticas para os quais utilizo os porongos como suporte.

No dia em que aconteceu a oficina cada participante preencheu uma ficha de identificação – segue nos apêndices – colocando seu nome, seu endereço, seu e-mail, ano que de formação; se está atuando com que faixa etária e em que escola, para me auxiliar no momento das análises.

Em seguida me (re)apresentei falando um pouco sobre o meu tema de pesquisa de trabalho, que era a ampliação de repertório deles ou seja professores de arte, deixando bem claro que as conversas obtidas neste encontro seriam analisadas posteriormente com análise de dados acerca do meu problema de pesquisa, momento em que todos preencheram uma autorização – que segue também nos anexos.

Para a gravação e filmagens e uso de suas falas neste trabalho, contei com a ajuda do assistente cedido pelo Arte na Escola Polo UNESC Leonardo Pinheiro, para a filmagem e gravação de dados e auxílio durante a oficina.

Depois de ter falado sobre a minha pesquisa e o motivo de tê-los convidado, mostro em data show as imagens de algumas de minhas obras que executei no meu atelier e no curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC,

³ <http://artenaescola.org.br/>

⁴ Porongos ou cabaças é a designação comum dos frutos de plantas da família das cucurbitáceas, é utilizado para fazer artesanato, cuia de chimarrão, entre outras coisas.

mostrando em específico as obras que utilizo os porongos como suporte, que é o tema da oficina proposta neste dia.

Após cada participante ter falado um pouco sobre as minhas produções artísticas, sobre os porongos, mostrei-lhes os porongos que levei, com seus diferentes tamanhos e formas, para que cada um criasse um objeto ou personagem utilizando este suporte, disponibilizei pinceis, tintas acrílicas, cola quente, furadeira e serra, para auxiliá-los no momento de criação.

Já no final do encontro cada participante apresentou para o grande grupo o objeto ou personagem criado, ressaltando também os pontos positivos neste encontro para a sua ampliação de repertório artístico-cultural e se possivelmente contribuiu para a sua profissão docente, que apresento no capítulo 4 nas análises de dados.

Depois de gravadas e transcritas as informações coletadas, aconteceu a devolutiva do que eles responderam durante o espaço de narrativa, possibilitando a leitura e alterações do que achassem conveniente. A devolutiva foi feita por e-mail, encaminhada a todos os participantes, sendo que todos retornaram com poucas alterações naquilo que transcrevi.

A preparação para a oficina durou um tempo estimado de um mês, entre distribuir os convites, e os seis participantes confirmarem sua presença por e-mail na semana que antecedeu o dia 18 de outubro de 2014.

Nesse caminho aconteceram duas tentativas para a proposta de oficina, a primeira proposta seria no meu atelier, na cidade de Orleans – SC (40 Km de Criciúma). Apenas uma professora confirmou participação, por isso a parceria com o Polo Arte na Escola e a mudança do local, a que contei anteriormente.

2 AMPLIANDO OLHARES SOBRE ARTE

A arte diz o indizível
Exprime o inexprimível
Traduz o intraduzível

Leonardo da Vinci

Diante de uma sociedade contemporânea, com um modo de viver marcado pelo consumismo, a era da informatização provoca, muitas vezes, o distanciamento entre as pessoas. As conversas pelos celulares, os passeios por todos os lugares do mundo navegados pela Internet são exemplos desse distanciamento de que falo.

A cidade em que vivemos, as pessoas com os quais cruzamos, os sons que não ouvimos, os pássaros que cantam, muitas imagens nos rodeiam em nosso dia a dia e muitas vezes pouco delas vemos, ou percebemos. Uma experiência que passa por nós, mais não nos passa, não nos toca por inteiro, por conta, muitas vezes, de uma velocidade marcada pelo movimento da sociedade atual. Às vezes apenas recebemos a informação, mas não nos apropriamos dela.

Parafraseando Bondía (2002), somos sujeitos de informações e não de experiências, quando recebemos a informação, e esta não nos toca, não nos motiva, ficamos apenas com a informação, que logo se perderá, mas quando esta informação nos comove nos apropriamos dela, podemos dizer que tivemos uma experiência e assim ampliamos o nosso repertório.

Por conta de um pouco tempo, por muitas vezes ficamos apenas com as informações, deixando de lado a experiência, já que esta requer um pouco mais de tempo para ser vivenciada. Leite (2005, p 44) diz que “o tempo da experiência é fundamental: o olhar sensível não reconhece imediatamente; exige atenção fluente”, a autora se refere à palavra “tempo” no sentido de aproveitar a experiência, para que ela possa fruir de uma maneira mais intensa, quanto mais aproveitarmos da experiência mais proveitosa ela se torna.

Assim Bondía (2002, p.23) caracteriza esse sujeito como quem tem pouco tempo, sendo este como:

[...] sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa tempo como valor ou como mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre que aproveitar o tempo, que não pode ficar para trás.

Por isso a importância do tempo para observarmos melhor as coisas e vivenciarmos de uma maneira mais proveitosa as nossas experiências, por mais simples que sejam elas, é preciso torná-las significativas, que passe por nós e (re)construa nossa forma de ver o mundo. (BONDÍA, 2002)

Podemos ter experiências no nosso dia a dia, por exemplo. Quem nunca imaginou, quando criança, figuras e coisas nas nuvens e seres na lua? Há um céu cheio de nuvens e de estrelas, a lua, sobre as nossas cabeças e esquecemos de admirá-los, por conta de uma rotina diária a ser cumprida. Colocar os pés descalços sobre a terra, tomar banho de chuva parece tolo, no entanto há uma poesia nas pequenas coisas que podem alimentar um sujeito ativo, criativo e cada vez mais humano. Mas e a Arte? O que seria ampliar o olhar sobre ela?

Das mais simples vivências do dia a dia, ou com as linguagens da Arte, ouvir e cantar uma música, assistir uma peça de teatro, ir ao cinema, ler um poema, assim afirma Leite (2008, p. 60) que a cada nova experiência:

[...] retomamos acervos guardados na memória e os confortamos com as novas imagens, sons, sensações, palavras ou movimentos que chegam, mobilizando todos os sentidos: tato, olfato, paladar, visão e audição. Mas não se trata apenas de ver ou ouvir, ou cheirar ou provar... mas de dar significação ao visto, vivido, ouvido, sem desconectar cognição e afetividade.

Reforço a ideia de dar significação ao que vemos, sentimos, ouvimos, uma experiência como afirmo anteriormente que nos passa – uma experiência que vivenciamos que nos transforma. Além de termos experiências no nosso dia a dia, nos mais variados lugares, as experiências estéticas com a Arte, são aquelas que vivenciamos com as linguagens da Arte, em diferentes lugares. As experiências do dia a dia, muitas vezes também podem ser chamadas de experiências estéticas, partindo do conceito de estética defendido pelos PCN.

As experiências estéticas de homens e mulheres estendem-se a vários âmbitos de seu existir, de seu saber, de sua identidade, enfim, de seu humanizar-se. Em processos de produzir e apreciar artísticos, em múltiplas linguagens, enraizadas em contextos socioculturais, as pessoas experimentam suas criações e percepções estéticas de maneira mais intensa, diferenciada. (BRASIL, 2000, p.48).

A Arte possibilita diferentes oportunidades para termos experiências estéticas, podemos produzir Arte, e também nos apropriamos do objeto artístico,

visitando exposições artísticas, indo ao teatro, ao cinema, freqüentando museus e galerias e tantos outros lugares, e esta apropriação vai ampliando o nosso repertório artístico-cultural.

O contato com as diferentes produções artístico-culturais contribui para a ampliação da percepção, para a variação dos modos de ver e para a alteração das nossas visões da realidade. Estas transformações provocadas no olhar a partir da fruição da obra de arte contribuem na construção de outras formas de ver e estar no mundo. (YUNES; SILVA, 2005, p. 241)

É neste contato com as produções artísticas e culturais que ampliamos o nosso repertório, (re)construindo novas formas de pensar e ver o mundo. Como afirma Martins (2005), a cada nova experiência estética, aumentamos as nossas bagagens, ou seja, o nosso repertório cultural. As malas carregam também as nossas bagagens, malas que nunca estão prontas ou cheias. A cada nova viagem, de outras bagagens nos apropriamos. Somos seres de bagagens e de tempos em tempos retomamos as nossas malas e refletimos quem somos.

O processo de apropriação cultural é, exatamente, a construção de olhares, escutas e movimento sensível que você experimentou e acumulou ao longo de sua vida. Quanto mais experiências estéticas, maior apropriação cultural. (LEITE, 2008, p.70)

A apropriação artístico-cultural acontece com o contato do ser humano com as obras de Arte, visitando museus, teatros, concertos, saraus, cinemas, musicais, indo a exposições de Arte ou em qualquer espaço que a Arte pode ser apresentada na contemporaneidade, como também produzindo alguma forma de Arte. Desse modo acontece à fruição - palavra derivada do latim que significa posse, possuir – acontece nesses contatos de apropriação e produção de Arte.

A relação do sujeito com o objeto artístico está no campo da percepção estética e a ação decorrente dessa relação é a da fruição. Se posse é o sentido de fruir, então, na fruição do objeto artístico, o receptor desenvolve um processo de apropriação dos significados ali presentes. (SANTA CATARINA, 1998, p. 188)

Quando produzimos Arte – independente de sermos artistas ou não – também estamos nos apropriando da Arte, apropriação esta que se dá pela produção artística, que pode ser uma pintura, escultura, gravura, instalação, dança, música, performance, peça de teatro, entre tantas outras possibilidades de

representação com as linguagens da Arte.

Venho por meio desta pesquisa afirmar que tanto a produção quanto a apropriação artística cultural, favorecem a ampliação do repertório dos professores de arte e de todo ser humano. O importante é sempre buscar por estas experiências estéticas. O professor de arte tem um papel importante neste processo, ao incentivar seus alunos a irem aos espaços artístico-culturais, como também a possibilitar experiências estéticas com as diferentes linguagens da Arte a eles. Se apropriando e/ou produzindo Arte, na perspectiva de contribuir para uma sociedade mais sensível de pessoas que se propõem a experimentar/vivenciar a Arte.

Mas que estética é essa que estou falando? A palavra estética, é de origem grega que significa percepção ou sensação, é um ramo da filosofia que tem como objetivo estudar a natureza do belo e dos fundamentos da Arte. Então a estética estuda a percepção do belo, do feio, do sublime, entre outros conceitos, também estuda as emoções com os fenômenos estéticos, as diferentes formas de produção de Arte. (LOPES, 2006)

Por isso, quanto mais experiências estéticas o sujeito possuir, mais amplo será o seu repertório artístico-cultural.

O encontro com uma materialidade – do artista com sua matéria de criação, do espectador com uma obra – provoca sensações que nos fazem entrar em contato com afetos muito intensos, impressos no corpo ou adormecidos. Experimentar a sensação inteira e aceitar sua provocação é encarar a obra e sua materialidade com um signo a ser desvendado. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p. 2010).

A experiência estética tem a perspectiva de contribuir na formação de um cidadão sensível, crítico, curioso, sonhador, e que transforme a sociedade, um sujeito que está sempre em busca, de acordo com Leite (2008, p.60) “esse olhar indagativo, crítico e curioso é base da experiência estética.” Um olhar curioso que nunca se cala, está sempre com questionamentos, assim a cada nova experiência estética que se desdobra em outras experiências, infinitas experiências. É estar sempre com “fome”, mas não fome de comida, mas “fome de Arte”, precisamos ter essa “fome de Arte”, ou seja, precisamos buscar experiências/vivências com a Arte.

Mas por que buscar as experiências ou vivências com a Arte? Duarte Jr (2012, p.66), diz que “através da Arte pode-se, então, despertar a atenção de cada um para sua maneira particular de sentir, sobre a qual se elaboram todos os outros

processos racionais.” Sendo assim cada um tem a sua própria maneira de sentir, ou seja uma experiência estética particular, este mesmo autor afirma que pela Arte “o indivíduo pode expressar aquilo que o inquieta e o preocupa.” (2012, p.68),

Sendo a experiência estética particular e subjetiva, podemos sim socializar estas experiências com os outros, isso vai ser uma troca de experiências estéticas, mais não podemos nos apropriar das experiências dos outros, temos que vivenciar as nossas próprias experiências, como afirma Pereira (2004, p.222) no campo da estética o “seu conteúdo é o desenvolvimento das práticas, pelos sujeitos. Subjetividade e estética identificam-se na raiz.”.

A Arte em suas variadas linguagens e formas de expressões acompanharam a história da humanidade e tiveram suas particularidades dependendo de cada contexto e função que ela estava inserida e diferentes experiências estéticas buscavam ou eram oferecidas com a Arte, sendo que parte desse capital artístico-cultural está nas galerias e museus para serem conhecidos.

As experiências estéticas, (re)significam o nosso olhar e o sentir, ampliam o nosso repertório ao vivenciarmos a experiência. Sendo a Arte provocadora de experiências estéticas, é fundamental para todo ser humano, ir ao encontro com a Arte nos diferentes espaços em que ela se encontra, desde os lugares não formais (como as ruas, praças e a própria cidade) a espaços institucionalizados de Arte, como galerias, museus, atelier, e outros. Leite (2008, p.23) defende que o acesso à esses bens culturais “é o meio de sensibilização pessoal que possibilita, ao sujeito, apropriar-se de múltiplas linguagens, tornando-o mais aberto para a relação com o outro, favorecendo a percepção de identidade e de alteridade”.

Temos muitas vezes, uma concepção de que os museus são lugares de guardar coisas velhas, objetos do tempo dos nossos antepassados, ou ainda para narrar a história de um povo, dos reis e sacerdotes, suas lutas e conquistas, sempre “a serviço da ideologia do colonizador” (LEITE, 2005, p.25). Ideologia esta que conta a história da alta burguesia, mostrando obras de arte valiosas, que hoje conhecemos nos livros de Arte e nas aulas de arte.

Por mais que os museus tinham sido criados para valorizar a classe dominante de cada época, eles assumiram um papel muito importante ao guardar as obras de Arte, preservando o capital artístico-cultural da humanidade. Que estão lá nos museus e galerias para serem conhecidas e apreciadas, na perspectiva de que

cada espectador reflita sobre a obra e o que cada artista pensou ou representou por meio de técnicas e formas de representação artística.

Neste sentido, os museus, como espaços também de educação, passam a ser vistos, na contemporaneidade, não apenas como depositários de um patrimônio ou de uma memória que coletam, preservam, estudam e divulgam. O museu é um espaço também de construção de uma ideia de estar no mundo, um espaço relacional entre os homens e as coisas, um espaço de experiências, pesquisas e conhecimento. (GABRE, 2014, p.157)

Com a evolução das tecnologias de comunicação podemos ter acesso aos museus e galerias de diferentes partes do mundo, como também assistir peças de teatro, concertos, apresentações musicais ou filmes pelo computador e pela televisão. Mas nada se compara ao visitarmos um espaço artístico-cultural ou contemplar uma produção artística de forma direta (estar em contato com a obra ou no espaço artístico-cultural). De acordo com Coli (2006) nada substitui a relação direta com a obra. Os tamanhos, as proporções, as cores, as texturas, enfim, tudo ganha outro olhar quando se está com a obra presente para ser observada. Nada substitui uma ida ao teatro, assistir um filme em casa é diferente de assisti-lo na tela de um cinema.

Ao se referir a visita ao capital artístico-cultural Coli (2006, p.131), coloca que “não é apenas necessário termos acesso às formas de artes pelos álbuns, pelo rádio, pelos discos, pela televisão, é necessário também ir a museus, a concertos, a teatros, a cinemas, a exposições. É necessário visitar monumentos”.

Nessas visitas a museus, galerias e lugares de Arte, que ampliamos nossos repertórios, com cada nova experiência contribuimos com as nossas bagagens, e como estão as bagagens culturais? Pergunto então: dos professores de arte? Será que eles estão buscando ampliar seus repertórios? Esses questionamentos me instigaram intensamente nesta pesquisa. Para Nardim e Ferraro (2001, p. 185)

O professor de arte precisa estar ele próprio, familiarizado com a história da arte e com a arte. Seria importante frequentar exposições e acompanhar as publicações sobre o assunto, pois cabe ao educador a tarefa de auxiliar o aluno a produzir uma leitura crítica das obras às quais irá interagir.

Ao tratar nesta pesquisa de ampliação de repertório artístico-cultural dos professores de arte, entendo que esta ampliação é importante para a formação de

um docente, pois o que move o ensino de arte é a Arte, e esta está sempre em constantes transformações e mudanças de conceitos, a maneira como a Arte era apresentada na Pré-história é diferente do Renascimento, da Arte Moderna. Como também da Arte Contemporânea, por mais que ela faça referência de alguns períodos, estilos ou movimentos artísticos do passado, tem outras concepções.

A seguir conto um pouco de alguns períodos da história da Arte ocidental, que influenciaram de uma maneira mais direta a nossa cultura brasileira, fazendo uma ponte como o ensino de arte, mesmo não falando de ensino de arte, nem de disciplina de arte, mais a Arte em diferentes períodos históricos que veremos também tinham certamente uma função educativa.

2.1 QUE ARTE É ESTA QUE ESTOU FALANDO?

A arte é uma bela caixa de raridades, na qual a história do mundo passa diante de nossos olhos, suspensa nos fios invisíveis do tempo.

Goethe

Conto um pouco da história da Arte, já que lanço anteriormente uma pergunta, que Arte é esta que estou falando? Entendo que é importante conhecer um pouco dessa história. A Arte que acompanha a história da humanidade por uma necessidade de comunicação, expressão de sentimentos e formas de ver o mundo, e tem diferentes funções e formas de se apresentar. “A arte vem se manifestando desde épocas primitivas como porta-voz da sociedade e linguagem transformadora do meio ambiente.” (ANDRÉS, 2000, p.17)

Para melhor entendimento faço um percurso dessa história da Arte, esquematizando pelos períodos históricos classificados pelos autores Janson e Janson (1996), Andrés (2000) e Cauquelin (2000) como: Pré-História, Arte Antiga, Arte na Idade Média, Renascimento, Arte Moderna e depois a Arte na contemporaneidade.

Entendemos por Pré-História um período anterior ao aparecimento da escrita, portanto, um período anterior a 4000 a.C, a Arte tinha um sentido místico, os habitantes das cavernas pintavam as suas paredes para comunicar-se com as

outras pessoas, homenagear o sol, a lua. Como também pintavam os animais que desejavam caçar. (JANSON; JANSON, 1996)

Para Arte Antiga são designadas às criações artísticas desenvolvidas pelas civilizações antigas, cito aqui a Arte Egípcia e Grega, por exemplo. Tomo estas duas civilizações para apontar a Arte no decorrer da história da humanidade, nesse sentido, a arte egípcia era intensamente religiosa e simbólica, o poder estava centrado nas mãos dos faraós, que representavam à figura de Deus na terra, por isso, foram construídos monumentos grandiosos em homenagem aos faraós e as pirâmides que serviam como sepulturas dos faraós mumificados. (JANSON; JANSON, 1996)

A Arte Grega buscava a representação de um belo ideal, de perfeição, de cópia da realidade, a Arte naquele período de aproximadamente 900 a. C se envolveu paralelo à filosofia grega. Filósofos gregos como Platão e Aristóteles consideravam a Arte como uma imitação que distanciava o ser humano da realidade, por ser apenas uma representação de corpos humanos idealizados. Para Andrés (2000, p.16) a Grécia foi “civilização dos mitos e dos deuses, do culto ao homem em seus aspectos físico e intelectual.”.

Antes de o cristianismo ser oficializado como religião do Império Romano, os fiéis se reuniam nas catacumbas, para celebrar sua devoção a Jesus Cristo e aos santos, nesses lugares subterrâneos eram sepultados seus mortos e eles também faziam as pinturas nas paredes com os signos cristãos. Depois com o Cristianismo oficializado, na Idade Média por volta dos séculos V a XV, a Igreja Católica construiu inúmeras catedrais e basílicas e inserida nas arquiteturas, buscou-se produzir pinturas, esculturas, mosaicos, como instrumento para difundir a fé e os acontecimentos religiosos. As imagens sacras serviram para narrar os acontecimentos bíblicos, como as outras linguagens da Arte também serviam como ferramenta de catequização. (JANSON; JANSON, 1996)

Assim afirma Andrés:

Com o advento do Cristianismo no Ocidente, a Arte apareceu como companheira inseparável do espírito cristão, desde as primeiras manifestações de Arte pobre nas catacumbas até o apogeu da Idade Média e da Renascença. (2000, p.18)

Com o Renascimento ou Renascença, período de grande esplendor cultural na Europa, a religião Católica que era muito importante na Idade Média, deu lugar a uma concepção científica, do universo e do homem, sua Arte foi inspirada

basicamente na Arte clássica grega e na observação científica da natureza e do homem. Nesse período destacam-se grandes nomes como Leonardo da Vinci, Michelangelo e Rafael Sanzio. (JANSON; JANSON, 1996). Nomes esses que estampam muitas aulas de arte nos currículos escolares atualmente.

Muitos estilos artísticos vieram após o Renascimento como o Barroco, Rococó, Neoclassismo. Nesse período a Arte estava ligada à burguesia, o que para Andrés (2000, p.18) “o artista dissociando a ação do sentimento, conformava-se em reproduzir fórmulas clássicas ou renascentistas, embora elas já não representassem as aspirações de seu tempo. Criaram-se as academias de Belas Artes.” Essas academias foram criadas por toda a Europa, como também um pouco mais tarde no Brasil, em que os artistas iniciantes iam para aprender as técnicas do desenho, da pintura e da escultura com um outro artista ministrante.

Foi em meados do século XIX, depois da Revolução Industrial que alguns artistas buscaram o rompimento das regras da Arte acadêmica, e que a Arte não estava para representar a beleza, mas para a expressão de sentimentos e emoções, independentemente de qualquer regra acadêmica. A Arte para Andrés (2000, p.31) é a expressão do sentimento humano, e “esse sentimento tantas vezes bloqueado por slogans e rótulos, mas que desperta quando se desenvolve a capacidade de inventar, de renovar, de contatar a essência do próprio ser.” Nesse período surgiam muitos estilos, os chamados *ismos* – palavra que tem origem grega, significa teoria, princípio ou ideal – na Arte Moderna os artistas criaram muitos ismos, destaque aqui o Dadaísmo. (JANSON; JANSON, 1996)

Em pleno caos da Primeira Guerra Mundial, surge 1916 o movimento artístico chamado Dadaísmo, a palavra Dada significa cavalo de pau, esse nome foi escolhido justamente por não fazer nenhum sentido, assim como a Arte não estava mais fazendo sentido diante da irracionalidade da guerra. (JANSON; JANSON, 1996)

Foi a partir das ideias de Marchel Duchamp, que traz objetos prontos do uso cotidiano para o contexto artístico, os chamados ready-mades, como afirma Cauquelin (2005, p. 93) “ele deixou o terreno estético propriamente dito, ‘o feito à mão’. [...] Expondo objetos ‘prontos’, já existentes e em geral utilizados na vida cotidiana,” objetos como, janela, roda de bicicleta e o famoso mictório batizado de A Fonte (1917). Para Cauquelin (2005, p.94) “É ele que dá o valor estético de um objeto, por menos estético que seja.”

Figura 2: Marcel Duchamp. A Fonte, 1917.



Fonte: <<http://veja.abril.com.br/blog/cenas-urbanas/cenas/a-mijada-de-r-mutt>>.

O Dadaísmo deu início a Arte Contemporânea, que estamos buscando compreender até nos dias atuais. Muitas vezes ainda não compreendida por muitas pessoas, chamada às vezes como “um bicho de sete cabeças”, não é mais a pintura ou a escultura que estão nas galerias de Arte, mas sim um monte de lixo, de terra, qualquer elemento pode virar Arte nas mãos ou pelas ideias de um artista.

Os artistas também vão buscar nesses materiais muitas vezes descartados, nova forma de representação de sua Arte, que vai além da tela e dos materiais refinados para as produções artísticas, muitos materiais são extraídos às vezes do lixo das grandes metrópoles ou do próprio cotidiano das pessoas. Encontro em Nardim e Ferraro (2001, p. 183) esta discussão acerca da busca de novos suportes na Arte Contemporânea:

Em substituição ao óleo, ao bronze e a outros materiais artísticos tradicionais, usam-se lama, asfalto, areia, plástico, papelão, néon, cinza, banha, cera, tule, palha, sementes, fogo, água, parafina, fotografia, rótulos de embalagens, vídeos, [...]. Ao extrair diretamente do cotidiano muitos dos elementos necessários para empreender sua poética visual, [...] contribuindo para dificultar o processo de distinção entre o fato artístico e os outros produtos da cultura humana e da própria natureza.

O próprio corpo do artista pode vir a ser utilizado como suporte de Arte, como é o caso das performances, dos happenings ou da body art, afirmando Cauquelin (2005, p.148) “como qualquer corpo, do qual ela seria a expressão, a obra é efêmera, convive com a escatologia, o dejetivo e o lixo.” Sendo assim, o corpo não é mais estudado para compor uma pintura ou escultura, o corpo do artista é a

produção artística. O público deixa de ser apenas um contemplador da obra, passa a fazer parte da produção, a obra provoca o espectador. Agora o resultado final, que era a obra, não é mais importante do que o processo, como também não é mais importante do que a reflexão que a produção artística proporciona.

Aquilo que chamo acima de “bicho de sete cabeças” ao me referir sobre a Arte na contemporaneidade, é o estranhamento que as produções artísticas propõem, muitas vezes escutamos “não entendi nada!”, “que coisa estranha!” “isso é Arte?”, esse não entender, que exige um pouco mais do espectador, que ele pense, reflita, não se cale em frente a uma produção artística. Que esta suscite um desejo de busca, busca pelo entender, busca para sempre querer conhecer mais sobre a Arte, “fome de Arte”, para ampliarmos os nossos repertórios.

Faço essa ponte entre a Arte do passado e aquela que estamos vivendo na contemporaneidade, sabendo que ambas pertencem ao capital artístico-cultural da humanidade. Tantas obras de Arte espalhadas pelos museus e galerias pelo mundo que acolhem turistas de passagem ou curiosos, recebem a visita de artistas, críticos, estudantes e de professores de arte, para conhecerem as produções de artistas e ampliarem seus repertórios pela apropriação cultural.

2.2. UMA ARTE CADA VEZ MAIS PRÓXIMA

Todos me perguntam qual é o motivo de eu me apropriar dos porongos para fazer minhas produções artísticas. Respondo que fui também um menino de engenho, como o escritor paraibano José Lins do Rego que narra a sua infância em um engenho de cana de açúcar no seu livro “Menino do Engenho” de 1932. Meu avô Vitório Jung também tinha um engenho de cana de açúcar na localidade de Palmeira Alta, Orleans – SC, onde resido até hoje. Eu acompanhava meu avô em suas caminhadas até o seu engenho e lá bebíamos a garapa em uma cuia de porongo. Meu pai Mario Jose Jung tinha uma grande cuia feita de porongos para retirar o melado do forno.

Figura 3: Cua feita de porongo



Fonte: Arquivo do pesquisador

E o ato de plantar porongos seguiu-se por tradição na nossa família de todos os anos entre os meses de setembro e outubro. Essa planta chamada de porongo (*Lagenaria siceraria*) também conhecida como cabaça, é uma trepadeira vigorosa, cujos ramos podem crescer de dois até dez metros de comprimento, possuem muitas espécies com tamanhos e formas compridas, alongadas e redondas.

Figura 4: Porongo em fase de crescimento



Fonte: Arquivo do pesquisador

Figura 5: Meu pai Mário Jose Jung plantando uma muda de porongo



Fonte: Arquivo do pesquisador

No Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC, em contato com a professora Maria Marlene Milanese Just, na disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual, da primeira fase, o porongo surgiu no momento em que estávamos pesquisando diferentes materiais para desenvolver uma produção artística. Relatei a professora Marlene que queria utilizar os porongos e ela adorou a ideia, e assim comecei a pesquisar as etnias que colonizaram a minha cidade de Orleans – SC. Fui montando os porongos e utilizando suas formas naturais na criação dos personagens, como a primeira produção representou a etnia italiana, em seguida busquei pesquisar outras etnias para esta série. A referência para a pesquisa dessas etnias partiu da relação que tenho com o lugar onde nasce e com as pessoas com quem convivo. Meu pai é de origem alemã e italiana, minha mãe é italiana, o lugarejo onde moro é colonizado pelos italianos que ainda hoje exercem grande influência no local chamado Palmeira Alta – interior da cidade de Orleans SC.

A primeira obra da série foi *“Porongos: Dança Italiana”* de 2011, que foi exposta na I Coletiva de Artista do Sul e II Coletiva de Arte Catarinense – cartaz nos anexos –, no Espaço Cultural UNESC “Toque de Arte”, na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, em Criciúma, Santa Catarina, com o período de visitação entre 28 de setembro a 3 de novembro de 2011.

Figura 6: Porongos: Dança Italiana, 2011



Fonte: Arquivo do pesquisador

Em seguida vieram outras produções retratando as etnias alemãs, portuguesas, espanholas, e pretendo continuar a produzir obras que retratam as etnias que colonizaram Orleans e região como a indígena, a negra, a polaca, a leta, e as que possam vir a ser descobertas ou (re)conhecidas.

Figura 7: Os Espanhóis, 2012



Fonte: Arquivo do pesquisador

Figura 8: Dançarinos Alemães, 2012



Fonte: Arquivo do pesquisador

Figura 9: Os Portugueses, 2012



Fonte: Arquivo do pesquisador

No percurso de graduação começo a utilizar de outras linguagens como a pintura, cerâmica e a fotografia. Cursando a quarta fase do curso de Artes Visuais - licenciatura, na Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, na disciplina de Pintura e Pesquisa, com a professora Maria Marlene Milaneze Just, que sugere o tema: “O que vou deixar para os meus filhos?” resolvi pintar meus pais e sua relação com a agricultura. Essa experiência com a pintura abriu diálogo para outras propostas envolvendo a fotografia, a serigrafia e a argila. Me fiz artista enquanto me fazia professor.

Figura 10: Pai e Mãe: Eu, 2012



Fonte: Arquivo do pesquisador

A produção “Porteiras da vida” é uma série de fotografias de porteiras, que estão na minha rotina diária, de casa para o trabalho ou para a faculdade, e que muitas vezes não são observadas pelas pessoas que também passam por estas porteiras todos os dias. Foram fotografias que participaram de uma exposição no museu de Turvo – SC, e também no Espaço Toque de Arte na UNESC. Assim como os territórios possuem porteiras, a nossa vida também dispõe de porteiras, grandes ou pequenas, de madeira ou ferro, que se encontram abertas ou fechadas de acordo com a escolha de cada ser humano.

As imagens se estampavam também com os elementos cerâmicos, proporcionando uma retomada ao tridimensional da imagem viva que faz referência ao vivido, sentido, revivido.

Figura 11: Porteiras da vida, 2012-2013



Fonte: Arquivo do pesquisador

Na tentativa de querer formar lascas de argila deposita nos jornais estavam semi-secas, ao retirá-las, as letras e imagens, saíram impressas nas

argilas, porém, impossibilitadas de serem lidas, muito frágeis, que estão se quebrando a cada toque. Apresenta um discurso que está se acabando, criou-se um vazio, um nada, uma “arqueologia inventada”. Sabendo que arqueologia é uma ciência que estuda as culturas a partir dos seus vestígios (objetos, restos de ferramentas, cacos de cerâmicas, etc). Os vestígios são criados por mim, são danificados pela minha ação e de outras pessoas, indiferentes das arqueologias, que são o que restou das antigas civilizações.

Figura 12: Sem título, 2013



Fonte: Arquivo do pesquisador

Me coloco aqui como artista em formação no exercício de juntar-me à alguns artistas da região sul do estado de Santa Catarina, muitos deles dividem espaços em exposições coletivas. Estes artistas regionais também buscam compreender um pouco mais dessa Arte cada vez mais próxima, ou seja, contemporânea. Na perspectiva de promover lugares e uma Arte de (re)encontros em nossa região.

Ao me referir aos artistas regionais faço um mapeamento de alguns artistas de nossa região, que estavam expondo suas produções na I Coletiva de Artista do Sul, II Coletiva de Arte Catarinense. A II Coletiva de Artista do Sul – cartaz no anexos – aconteceu no Espaço Cultural da UNESCO “Toque de Arte” no período de 12 de agosto à 12 de setembro de 2014. Estávamos em um grupo de 22 artistas, das cidades de Criciúma, Urussanga, Siderópolis, Lauro Muller e Orleans. As produções artísticas eram: pintura, escultura, instalação, gravura, desenho e fotografia, mostrando traços do ambiente urbano sob o tema Arte e Cidade. Mas não olho para os prédios, nem para o movimento dos veículos ou das pessoas, percebo o rio do meu bairro, que pertence à cidade de Orleans, Santa Catarina.

Assim como o bíblico Rio Jordão, que banha a região da palestina, muito aproveitado na agricultura, sabendo também que a civilização egípcia se desenvolveu a partir do Rio Nilo, como a Roma Antiga se desenvolveu nos arredores do Rio Tibre, assim como cidades estão situadas nas margens de rios ainda hoje.

Os rios são como estradas, levam as pessoas de uma cidade para a outra, as suas águas regam as plantações, matam a sede da população e dos animais. Os rios que os homens pescam e se banham, os rios são como as nossas cidades estão sempre em movimento, transformações, efetuadas pela natureza ou pelo ser humano.

Falo do rio de meu bairro, o Rio Palmeira, que escorre ao lado de minha casa na localidade de que recebe o mesmo nome do rio, Rio Palmeira Alta, em Orleans, Santa Catarina, e que se faz presente no meu trabalho artístico como um grito de quem passa e deixa marcas (figura 13).

Figura 13: Imagens do Rio Palmeira: Orleans, 2014



Fonte: Arquivo do pesquisador

Figura 14: Meu atelier/galeria, 2014



Fonte: Arquivo do pesquisador

Os artistas que expuseram na II Coletiva de Artistas do Sul junto ao meu trabalho foram: Alenir Fernandes de Souza Dalpiaz, Alexandre Candido Antunes, Angélica Neumaier, Baltazar Cadorin Zeferino, Celso Daniel Pieri Filho, Deise Cristina Venson Pessi, Denise Velho da Silva, Dilma Zuchinalli, Elke Otte Hulse, Fernando dos Santos de Souza, Izabel Cristina Marcílio Duarte, José Roberto da Silva, Laborativo, Lucas Uggioni Bonfante, Maicon Marcelino Montovani, Maira Pedroso, Marcos Otávio Dagostin, Nathalia Barros Silvestre, Neusa Milanez, Odete Angelina Calderan e Pricilla Ferro Salvaro.

Temos muitos artistas em nossa região que estão contribuindo de um maneira muito significativa para a Arte da região, afirmo que muitos deles são alunos e egressos do Curso de Artes Visuais – UNESC, Licenciatura e Bacharelado. E os artistas-professores, que contribuíram para a minha graduação, Alan Figueredo Cichela, Sérgio Honorato, Maria Marlene Milanese Just, Angélica Neumaier, Izabel Marcílio Duarte e Odete Angelina Calderan.

Muitas vezes temos artistas na nossa cidade, em que o artista e a obra podem se fazer presentes na aula de artes. Encontro na LDB nº 9.394/96, o artigo número 2º diz que:

O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. (BRASIL, 2014, p. 19).

Nessa perspectiva, ampliamos olhar para cultura de nossa região e para as possibilidades que ela pode (re)significar as nossas vidas. Muitos ateliers de artistas estão de portas abertas – inclusive o meu – para receber alunos e seus professores de artes, que buscam e ao mesmo tempo levam seus alunos na busca de novas bagagens culturais.

3 DA ÁRVORE AO RIZOMA: ENSINO DE ARTE E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A palavra rizoma⁵ segundo Martins, Picosque e Guerra (2010, p.190) “vem da botânica. Um tipo de caule. Um tipo de comportamento de caule: que se espalha em diversas direções, mergulhado no solo e voltando à superfície”, no rizoma o conhecimento cria links, ramificações, conexões. Oliveira (2008, p. 84) diz que o rizoma “se contrapõe à raiz axial, o rizoma é o conhecimento mapeado em platôs interligados, mas sem uma lógica de precedência ou uma ordem cronológica, ou seja, em linearidade.”

A palavra árvore, nos remete a ideia de que o conhecimento está no centro, talvez nas mãos de uma pessoa, na sala de aula, o professor. O tronco é que suporta a árvore, o rizoma vem para descentralizar esta ideia, ninguém está mais alto que ninguém, todos estão no mesmo nível. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010)

O professor se articula neste rizoma, interligando os conteúdos, fazendo redes, junto com o seu conhecimento e os dos alunos, na ideia de que o conhecimento se constrói, e para isso faz-se a necessidade do diálogo entre professor e aluno.

Precisamos assim, de professores que trabalhem com a ideia de rizoma, e não de árvore, apesar de grande parte da história da educação escolar e do ensino de arte, estava ou está centrado nas mãos do professor em torno do assimilar o conteúdo, e não construir junto o saber a partir do que os alunos já sabem e articulando com aquilo que de tem direito de conhecer: a Arte enquanto capital artístico-cultural da humanidade.

Para tanto, segue um pouco da história do ensino de arte no Brasil, podemos perceber que a arte foi inserida no contexto brasileiro, às vezes nem como disciplina, ou como ferramenta para ensinar outra coisa, até que chegarmos depois de muito tempo e luta a um ensino de arte garantido por lei, sendo considerada com a Arte como área do conhecimento e patrimônio cultural da humanidade.

⁵ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Vol. 1. 4ª reimpressão. Rio de Janeiro: 34, 2006.

3.1 BREVE HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

O ensino de arte no Brasil evidencia-se no período colonial na catequização dos índios, embora não de forma institucionalizada como encontramos hoje. O Canto Gregoriano era um instrumento utilizado pelos padres jesuítas para repassar os ensinamentos cristãos, não se falava em ensino de arte, mas os padres utilizavam algumas linguagem da Arte como o teatro e música para passar os ensinamentos católicos aos nativos. (SANTA CATARINA, 1998)

No ano de 1808, aconteceu a vinda de D. João VI e a família real para o Brasil em função de que Portugal estava passando por um período turbulento. No ano de 1816 veio para a colônia, a Missão Artística Francesa, fundando a Academia Real de Artes e Ofícios, enfatizando a arte neoclássica. Neste período somente a nobreza desfrutava da educação e das linguagens da Arte, os artistas buscavam copiar a realidade e não interpretá-la, a arte também não estava inserida com contexto escolar brasileiro. De acordo com Ferraz e Fusari (2009, p.42), “os artistas e técnicos nomeados tinham como modelo as academias de Arte da Europa, as quais se baseavam na estética neoclássica, valorizando categorias como a harmonia, o equilíbrio e o domínio de materiais.” O sistema escolar ficou dividido naquele período em três níveis: primário, secundário e superior.

Mas foi a Semana de Arte Moderna de 1922, que não só quebrou paradigmas estilistas e estéticos na Arte, mas também no ensino de arte no Brasil naquele período. Em meados de 1930 foram introduzidas ideias e técnicas pedagógicas que o aluno passou a ser visto como um ser capaz de expressar os seus sentimentos através da Arte, segundo revelam Ferraz e Fusari (2009).

Os artistas Augusto Rodrigues, Flavio de Carvalho e Anita Malfati começaram a executar oficinas de arte com crianças, embasados nas vanguardas europeias como o Expressionismo e o Fauvismo, valorizando a livre expressão e a liberdade dos traços, cores e formas. Ferraz e Fusari (2009) ressaltam que a arte foi incluída nas escolas não como disciplina, mas como uma maneira de livre expressão, isso foi muito importante, pois já se pensava na arte como forma de expressão de crianças e adultos. (SANTA CATARINA, 1998)

Neste período os conteúdos e as aulas de arte eram de livre expressão e valorização do fazer artístico pouco se importando com o resultado final, o papel do

professor era de dar as oportunidades para que os alunos desenvolvessem a criatividade e se expressassem. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010)

O desenho técnico e o desenho geométrico estiveram presentes nas escolas brasileiras em uma época em que a revolução industrial marcava a história. Implantado em 1890 no Brasil foi muito enfatizado nas escolas brasileiras na Era Vargas. Decorrente do processo de industrialização do país, as escolas tiveram que atender ao mercado de trabalho e oferecer mão de obra para as indústrias.

No ano de 1971 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 5692/71) o ensino de arte – que na época era Educação Artística - foi garantido nas escolas do Brasil.

[...] o ensino de Arte em todo o território nacional passou a ser obrigatório, ainda que não havia uma escola superior que formasse o profissional para ministrar a disciplina, os únicos professores existentes eram aqueles que frequentaram as escolinhas de arte. (SANTA CATARINA, 1998, p.185)

Em 1980 foi criada a FAEB (Federação das Associações de Arte–Educadores do Brasil) por vários professores de arte do Brasil para discutir o ensino de arte, também defendendo a Arte como área do conhecimento, com conteúdos específicos, o professor de arte não está na escola para fazer decorações, pintar murais de datas comemorativas, sua função vai muito além disso, que é construir saberes acerca dos conteúdos de sua disciplina. (BRASIL, 2000)

A partir da década de 1980 como afirma Nardim e Ferraro (2001), Ana Mae Barbosa, adaptou o DBAE para o Brasil denominando como a Metodologia Triangular a partir dos três eixos: a contextualização histórica, fazer artístico e a apreciação artística.

A Metodologia Triangular é adotada em todo contexto escolar, as releituras das obras de artistas tomaram conta das aulas de arte, por conta talvez de um mau entendimento, as críticas surgiram, pois os professores sugeriam que os alunos copiassem as obras dos artistas. Era o que se fazia nas aulas de arte, as chamadas “releituras de obras”, enfatizando o fazer artístico – para não dizer fazer uma cópia das obras – contemplava a contextualização histórica, a apreciação artística, junto com o fazer artístico. Revendo essa nomenclatura, Ana Mae passa a chamar de Proposta Triangular.

Mas como afirmam Nardim e Ferraro (2001, p.182) ainda assim a DBAE e a Proposta Triangular contribuíram para as aulas de arte ao “trazer a imagem e a

história da Arte de volta a sala de aula,” já que antes as aulas de arte estavam mais direcionadas ao fazer expressivo do aluno.

No ano de 1988, uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação começou a ser discutida na Câmara e no Senado, em função de uma dúvida que surge sobre se mantinham o ensino de arte como disciplina obrigatória. Neste período houve um grande movimento de professores de arte no Brasil para defender o ensino de arte nas escolas. (SANTA CATARINA, 1998)

Com a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1996, que contribuíram de forma significativa para o ensino de arte no Brasil, conforme Arslan e Lavelberg (2013, p. 4) não se tratava de “uma metodologia nem uma proposta de currículo, e sim um conjunto de princípios que reorientam a visão de ensino de arte” enfatizando o ensino de arte como uma área de conhecimento, com conteúdos específicos.

No ano de 1996 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº 9.394/96) ficou estabelecido no Art. 26 “o ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” (BRASIL, 1996 p.19)

Os Parâmetros Curriculares Nacionais defendem que ensinar arte significa articular os três campos conceituais a criação/produção, percepção análise e o conhecimento da produção artístico-estética da humanidade. Estes campos estão no PCN de Arte, especificados em produção, fruição e reflexão.

A palavra produção se refere nas questões relacionadas ao fazer artístico, a fruição trata da apreciação e pode estar relacionada com as próprias produções artísticas dos alunos e ao capital artístico-cultural. A reflexão é a construção do conhecimento a partir do que é produzido pelo aluno e pelos colegas, com a própria Arte. (BRASIL, 1996)

O ensino de arte nos dias atuais faz parte do componente curricular na educação básica brasileira, desde as Series Iniciais até o Ensino Médio e está inserido nas escolas na perspectiva de contribuir formação de um cidadão mais crítico, sensível, reflexivo e com repertórios de Arte. Reforço com o dizer de Arslan e Lavelberg (2013, p.7), ou seja:

A educação em arte imprime sua margem ao demandar um cidadão criador, reflexivo e inovador. Se formar um jovem para o futuro é prepará-lo para situações incertas e para resistir às exigências da velocidade e da

fragmentação que caracterizam a contemporaneidade, então a arte pode colaborar.

Entendo que na sala de aula há uma troca de aprendizagem entre professores e alunos como afirma Pillotto (2008, p.36) “os olhos que ensina e daquele que aprende não estão condenados a uma linearidade estanque, ou seja, aprendemos e ensinamos ao mesmo tempo.” A aprendizagem não está mais centrada na mão do professor, este agora, faz parte desse processo junto com os alunos.

De acordo com Arslan e Iavelberg (2013, p.4):

Espera-se que possa aperfeiçoar e enriquecer suas experiências artísticas e estéticas, edificando progressivamente uma identidade orientada para a participação crítica e responsável na sociedade, com direitos e deveres, ao longo da vida. Espera-se formar um aluno que, participe da história, seja protagonista das escolhas profissionais, culturais e educacionais que realiza no presente e no futuro, com compromisso social ético.

Nessa perspectiva rizomática de ensino e aprendizagem, desconstruindo a ideia de árvore, criando redes, o professor deve articular os conteúdos junto com os saberes dos alunos, pois cada criança, adolescente ou adulto traz consigo para o contexto escolar sua cultura e história de vida.

Por isso a importância do professor conhecer a realidade dos seus alunos, conhecendo as metodologias buscando ampliar o repertório artístico-cultural, pois o que alimenta o ensino de arte é a Arte, como afirma Ferraz e Fussari (2009, p.60) “Em síntese, é preciso aprender a saber Arte e saber ser professor de arte.”

3.2 FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Triste de nós que já trazemos a alma vestida!
Isso exige uma aprendizagem profunda
Uma aprendizagem do desaprender.

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

A formação de um professor de arte inicia-se no seu período de graduação, a própria palavra formação pode nos direcionar a pensarmos que aquele

que se forma em um curso de graduação está pronto, mas obviamente sabemos que esta formação não termina no período de graduação, nós humanos estamos sempre em processo de formação, nunca estamos prontos. Tratando de formação de professores de artes, a sociedade muda, a Arte muda de acordo com as mudanças culturais. A formação para Paulo Freire é pensar no inacabamento, na incompletude, “na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento.” (2011, p.50)

Conhecer é viver na perspectiva do novo, do estranhamento como afirmam Leite e Ostetto (2003, p.21) “o processo do conhecimento vem assim, do estranhamento, mas só se realiza se nos permitirmos viver o estranhamento, viver a experiência, enfim se nos propusermos a conhecer.” A ideia do estranhamento está diretamente ligada a formação dos professores, pois a Arte nos convida a todo momento para vivenciarmos este estranhamento, com o intuito de nos desacomodarmos e de nos fazer pensar.

Justifico aqui mais uma vez que a minha escolha pelo curso de Artes Visuais vem junto com o gosto pela Arte, isso não justifica a escolha de todos, mas deveria, pois o que move o ensino de arte é a Arte, e como um professor de artes pode instigar os seus alunos as vivências/experiências com as linguagens da Arte se pouco a Arte move a vida deste professor? As autoras Arslan e Lavelberg (2013, p.6) também defendem a ideia de que:

[...] é necessário que o professor entre em contato com o universo da arte, conceitos procedimentos, valores e vivências, conheça os contextos de produção artística e reflita sobre as obras em seus diversos aspectos (histórico, geográfico, estético, político, social, étnico, de gênero)

Neste sentido como afirma Lopes e Rodrigues (2005, p.216) desde o curso de graduação espera-se que “ele se torne um professor que saiba formar, em seus colegas e alunos, momentos inesquecíveis de curiosidade criatividade, descobertas e invenções recíprocas.”

É necessário um curso de formação de professores, que além de apresentar os conhecimentos específicos de sua área de formação, possibilite a formação também de um profissional crítico da educação, que reflita não só as metodologias de ensino, mas que busque soluções para cada contexto escolar.

A escola, a disciplina e o professor de arte precisam estar nestas constantes formações, (re)construindo conceitos e metodologias na perspectiva de propor um ensino de arte melhor conectado a sociedade em que vivemos.

3.3 O CURSO DE ARTES VISUAIS LICENCIATURA DA UNESC

A história do ensino da arte no Brasil não está desvinculada de uma história a que me proponho relatar nesse subcapítulo, ou seja, a história do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UNESC. Tudo começou com a FUCRI – Fundação Educacional de Criciúma – a qual foi criada para oferecer os cursos em Licenciatura Plena Matemática, Pedagogia, Ciências Biológicas e Desenho e Plástica, para formar professores para atender a demanda na região sul do estado de Santa Catarina. (TOLDO, 2010)

O curso de Desenho e Plástica inicialmente foi voltado à formação de profissionais para atuação na indústria cerâmica de azulejos, um setor que estava se desenvolvendo na região, sua grade curricular possuía disciplinas mais técnicas como: Desenho Industrial, Cerâmica, Pintura, Escultura, Desenho Técnico, Desenho Artístico e Gravura. A partir de 1975 essa grade foi alterada incluindo disciplinas voltadas à Licenciatura para atender as exigências do Ministério da Educação. (TOLDO, 2010) No ano de 1980 o curso de Desenho e Plástica deu origem ao curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas, o qual tinha uma proposta de formação polivalente.

Após muitos estudos e reflexões feitas por professores do curso, em reuniões com o coletivo de professores de arte, junto com a comunidade discutindo as novas necessidades do ensino da arte na região, assim no final de 1999 o curso passou a se chamar de Artes Visuais, que foi dividido em Bacharelado e Licenciatura. As disciplinas nos três primeiros anos eram comuns ao Bacharelado e a Licenciatura, a partir do quarto ano, o acadêmico optaria por uma das duas carreiras. (TOLDO, 2010)

O curso além de formar professores de arte, buscava atender as necessidades empresariais da região na área do design e da publicidade, além de

disciplinas como: pintura, escultura, gravura, desenho, cerâmica entre outros, foram incluídas modalidades tecnológicas representadas pelas artes gráficas, fotografia publicitária, computação e design. (TOLDO, 2010)

No primeiro semestre de 2005, os acadêmicos do curso já podiam escolher entre o Bacharelado ou Licenciatura. O PPC do Curso de Artes Visuais – Licenciatura vai contando um pouco dessa história:

Mesmo propondo habilitações distintas entre os cursos de Bacharelado em Artes Visuais e Licenciatura em Artes Visuais, o percurso curricular dos cursos é tecido por conexões. Entende-se que seja de extrema relevância para o licenciado partilhar a vivência poética e estética do processo criativo, assim como, ter referências e enfoques constituídos pela História da Arte. (UNESC, 2014, p.20).

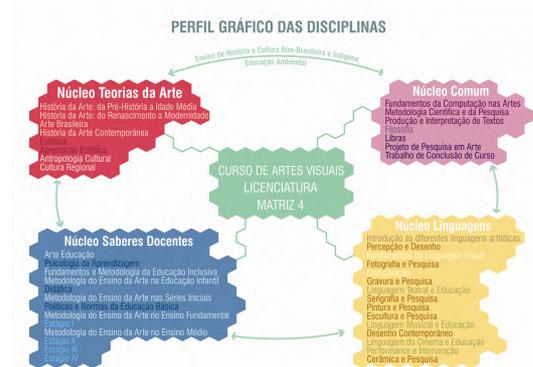
A partir do ano de 2009 com a Matriz Curricular 4, o Curso de Artes Visuais busca atender as novas expectativas de mercado para o licenciado em arte, possibilitando vivências/experiências com a Arte, conhecendo as metodologias e teorias que nortearam o ensino de arte em determinados períodos históricos, como também discutindo os desafios do ensino de arte na contemporaneidade.

O PPC do Curso de Artes Visuais – Licenciatura ressalta a escola, como um espaço de atuação para a formação docente, mas também aponta possibilidades de atuação em outros espaços de educação não formal, como museus, ONGs, ateliês ou qualquer espaços/instituições ligadas a Arte.

Acreditamos em um curso que possa contemplar uma formação acadêmica científica, pedagógica e artística mapeada e vivenciada em rede e em conexões visíveis na contemporaneidade. (UNESC, 2014, p.21)

A matriz do Curso Artes Visuais - Licenciatura está estruturada em oito semestres e está composta por núcleos de conhecimento que se dialogam entre as linguagens da Arte; teoria e história da Arte; e os núcleos de saberes docentes, para a formação do professor de arte e o núcleo comum que compete às áreas de projetos e pesquisas.

Figura 15: Perfil Gráfico das disciplinas do Curso de Artes Visuais Licenciatura



Fonte: <http://www.unesc.net/portal/resources/42/arquivos/ppc_arts_visuais_licenciatura.pdf>

O Núcleo Teorias da Arte envolvem as disciplinas que tem como conteúdo fundamental a História da arte - da Pré-história à contemporânea - como também a Arte Brasileira. Junto com esse núcleo estão às disciplinas de Estética, Apreciação Estética, Cultura Regional e Antropologia Cultural para discutir e refletir sobre as produções artístico-culturais.

As linguagens da Arte estão organizadas em um núcleo com as disciplinas: Introdução às Diferentes Linguagens Artísticas, Percepção e Desenho, Fundamentos da Linguagem Visual, Linguagem Musical e Educação, Linguagem Teatral e Educação, Linguagem do Cinema e Educação, Performance e Intervenção, Serigrafia e Pesquisa, Escultura e Pesquisa, Gravura e Pesquisa, Pintura e Pesquisa, Fotografia e Pesquisa, Composição, Desenho Contemporâneo e Cerâmica e Pesquisa.

O curso defende a ideia do professor-artista ou um professor que busque experiências no fazer/apreciar artístico com as linguagens da Arte. Como também proporciona aos acadêmicos viagens as bienais de Arte de Porto Alegre e São Paulo e visita a ateliês de artistas da região.

Um outro núcleo das disciplinas específicas a formação docente como: Psicologia da Aprendizagem; Arte e Educação; Políticas e Normas da Educação Básica; Fundamentos e Metodologia da Educação Especial e Didática; Metodologias do Ensino da Arte para a Educação Infantil, para as Séries Iniciais, para o Ensino Fundamental e Médio. Como também as disciplinas de Estágio de Espaços não formais; Estágios das Séries Iniciais, Ensino Fundamental e Médio. Oliveira e Lampert (2010 p.84) contemplam que:

O estágio curricular é essencial na formação da identidade docente de qualquer aluno de licenciatura, e no curso de Artes Visuais não é diferente. É fundamental pelo fato de propiciar ao aluno um momento específico de aprendizagem, de reflexão com sua prática profissional.

As outras disciplinas como: Metodologia Científica e da Pesquisa, Filosofia, Fundamentos da Computação nas Artes, Produção e Interpretação de textos, Libras, Projeto de Pesquisa em Arte e o Trabalho de Conclusão de Curso e uma disciplina optativa.

Por ter falado sobre o ensino da arte e a formação de professores conto um pouco sobre o professor-artista.

3.4 PROFESSOR-ARTISTA

Iniciei o Curso de Artes Visuais UNESC e aos poucos meus colegas foram conhecendo as minhas produções artísticas, e me perguntavam o porquê de eu não estar fazendo Artes Visuais – Bacharelado, muitos até afirmavam que o “professor de arte não precisa fazer Arte”, ou ainda “estou na Licenciatura, pois não sei desenhar!” Eu tinha a intenção de me tornar um artista, participar de exposições e não de atuar como professor, mas a partir de algumas conversas com os professores e conhecendo as professoras-artistas, Maria Marlene Milanese Just, Jussara Miranda Guimarães, Odete Angelina Calderan e Angélica Neumaier, do Curso de Artes Visuais. Assim uma nova ponte entre produzir Arte e ensinar arte se estabeleceu em minha formação acadêmica.

Depois de ter reconhecido as possibilidades, novos questionamentos entrelaçaram a minha caminhada acadêmica. Será que é possível ser professor-artista na escola? O curso de Artes Visuais Licenciatura – UNESC, forma o artista ou é só artista quem faz Curso de Artes – Visuais, Bacharelado? Um pouco mais tarde, fui refletindo sobre estes meus questionamentos, quando na sexta fase do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, na disciplina de Estágio II, Ensino Fundamental, apresentei as minhas produções artísticas para os meus alunos do estágio, me coloquei como um professor de arte que faz Arte, um professor-artista. Não estava falando da vida e obra de nenhum artista que conhecemos da história da Arte, eu estava ali na sala de aula, falando da minha vida e das minhas produções. E notei o

entusiasmo daqueles alunos, quando mostrei as imagens das minhas obras, pude ouvir os comentários “um artista em nossa cidade”, “que legal conhecer um artista!”.

Encontro em Cunha (2013, p.31) esclarecimentos sobre o professor-artista.

A definição professor-artista propõe reflexão sobre os métodos de ensino utilizados entre um professor que somente ensina, de um outro que além de mediar também produz e com isso relaciona suas aulas com produções. A forma como uma proposta é lançada vinda de alguém que ao solicitar também se permite ou permitiu criar, gera junto ao aluno uma espécie de veículo instigador nas aulas de arte, ou no meu caso durante meu processo formativo.

Não sustento nessa pesquisa que todo professor de arte precisa ser artista, mas ao menos se permitir a experimentar/vivenciar a Arte. Ser professor-artista vai além de ter duas profissões, uma de artista e outra de professor, mas que sua experiência artística seja motivadora, que auxilie nas suas aulas de arte, que suas produções artísticas despertem ainda mais o desejo dos seus alunos pela Arte, como eu fui despertado pelos professores-artistas que tive nesse processo de graduação. (CUNHA, 2013)

Com os diálogos que faço neste trabalho com as minhas produções artísticas, me colocando como professor-artista em formação, relatando as experiências fomentadoras que tive na graduação com professores-artistas, almejo que muitos artistas ou professore-artistas pisem nas escolas levando sua Arte para além dos livros e vídeos permitindo que a Arte esteja cada vez mais próxima dos alunos e da sociedade.

4 UM POUCO MAIS NAS NOSSAS BAGAGENS...

Neste capítulo apresento as análises dos dados coletados a partir do espaço de narrativa que proporcionei a um grupo de professores. Com o desejo de ampliar o meu repertório a partir das experiências/vivências que tive desde criança e com as linguagens da Arte, defendo a importância da ampliação do repertório artístico-cultural dos professores de arte, para que nutridos de experiências estéticas possam ser pessoas mais sensíveis, contribuintes para formação de cidadãos mais sensíveis, críticos, autônomos e com vontade de se deixar envolver pelo universo chamado Arte.

Com cada experiência estética aumentamos as nossas bagagens, ou seja, o nosso repertório. Afirmo que a oficina que propus no espaço de narrativa contribuiu para coletar os dados para a minha pesquisa, acredito também ter contribuído de forma imensurável para ampliação dos repertórios de cada participante da oficina, como também para a minha carreira artística e de futuro docente. Sendo que foi a primeira vez que os participantes da oficina de porongos tiveram a oportunidade de executar uma produção artística com este tipo de suporte, além de trocarmos experiências, ampliamos repertórios.

Retomo que a coleta de dados foi feita a partir da oficina “Caminhos de um professor-artista em formação...” que se caracterizou enquanto espaço de narrativa, como afirmo no subcapítulo 1.2, pois não queria fazer perguntas para ninguém, e sim esperar pela fala de todos de acordo com o tempo de cada um. Entendendo que no espaço de narrativa o assunto pode tomar outras direções, mas queria que as falas fossem sobre Arte, pois os seis participantes estavam inseridos naquele dia em um contexto artístico. Estávamos no Atelier de Pintura – sala 4, Bloco Z, do Curso de Artes Visuais UNESC, um lugar que se produz Arte, uma produção artística minha estava exposta, além de outras imagens de minhas obras mostradas no data-show, uma professora-artista estava presente e eu também me coloquei como artista. Acredito que esses fatores também contribuíram na conversa desses professores.

Tomo com fio condutor o problema de pesquisa dessa investigação: **Os professores de artes buscam ampliar seu repertório artístico-cultural considerando o que o curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC propõe no**

seu período de formação? Para tanto durante a oficina fiquei atento às falas dos professores, por mais que estava com um assistente⁶ registrando tudo. Almejava ouvir os professores falando de Arte, de suas supostas experiências artísticas, como eles ampliam seus repertórios artístico-culturais e se ampliam. Por isso coloquei algumas palavras coladas nas mesas: Arte; professor de arte; artista e professor; professor e artista; ampliação de repertório; visitas as exposições; linguagens artísticas. Pude perceber que essas palavras estavam presentes nos falas dos professores, mas os mesmos não perguntaram o porquê das palavras.

Figura 16: Bilhetes com as palavras.



Fonte: Arquivo do pesquisador

Depois de uma semana de chuva o sábado de dezoito de outubro amanheceu ensolarado, mas logo voltou a chover, mais isso não impediu que o nosso encontro acontecesse. Cheguei à UNESCO, minutos antes já com a sala da oficina aberta pelo bolsista do Arte na Escola Pólo UNESCO, Leonardo Pinheiro, que foi meu assistente para o registro das fotografias e filmagens. Fui descarregando os materiais, as tintas, os porongos, preparando para começarmos à oficina às oito horas e trinta minutos. Enquanto os participantes iam chegando, logo se dirigiam a produção de porongos “Os Espanhóis”, como também observando os porongos, olhando as suas texturas, cores e formas.

Algo que me chamou atenção logo antes de começar a oficina propriamente dita foi quando minha professora orientadora Silemar Maria de Medeiros da Silva chegou acompanhada de seu marido, os dois tinham recém chegados de uma viagem à Europa. Os participantes logo se direcionaram ao casal para cumprimentá-los e começaram a fazer algumas perguntas sobre a viagem,

⁶ O assistente foi um bolsista do Polo Arte na Escola – Leonardo Pinheiro.

sobre o Museu do Louvre, que fica em Paris, na França. Fiquei preparando os materiais para a oficina mais com os ouvidos atentos as falas e perguntas daquele grupo, que se dirigiam as obras expostas no Louvre e outros museus por eles visitados.

O marido da professora Silemar continuou a conversa com o grupo de professores, enquanto ela veio falar comigo, meus ouvidos ainda ficaram atentos à conversa daquele grupo. As falas dos professores eram curiosas e esperançosas de também terem a oportunidade de algum dia conhecer o Museu do Louvre, de poderem observar as obras que já conhecem nos livros pelas aulas de arte. Pude perceber que esse grupo de professores tem vontade de querer conhecer as obras de Arte, supostamente querem ampliar o seu repertório artístico-cultural. Reafirmo com Leite (2005), que são outras as experiências estéticas no contato direto com a obra de Arte, do que conhecê-las pelos meios de comunicação ou pelos livros, são outras cores, os tamanhos influenciam na percepção.

Retomo ainda a fala do marido da professora relatando a sua visita no museu do Louvre, ele conta para aquele grupo de professores sobre a obra de Leonardo da Vinci, a Monalisa, seu pequeno tamanho em relação às demais obras do Museu do Louvre, afirma ele *“é quase um mito, o público entra no museu procurando a Monalisa, com tantas obras, com tamanhos muito grandes...”* e os professores ali se envolvendo com a conversa.

Achei importante relatar essa conversa com os professores participantes da oficina, pois foi algo que não estava programado, uma pessoa que apenas veio e ficou por alguns minutos na sala e movimentou uma fala sobre Arte.

A obra “Os Espanhóis” já estava pendurada em um cavalete de pintura de telas, os porongos em cima das mesas, junto com as tintas e pincéis, como também as frases espalhadas pela sala. Já estava tudo pronto para começar, então a professora Silemar, pede pela atenção de todos e o grupo deixa de lado a conversa sobre a Monalisa se direcionando para ouvi-la.

Ao meu lado a professora Silemar, comenta sobre o tema de minha pesquisa, em que ela esta me orientando, sobre os desafios de uma pesquisa, de coletar os dados e de reunir um público em um espaço de narrativa para a coleta de dados, agradecendo a presença dos participantes em apoiarem a pesquisa acadêmica, na perspectiva de contribuir para proporcionar melhorias na educação e no ensino de arte.

Em seguida assumo a palavra primeiramente agradecendo a presença de todos, da importância da presença de cada um para esta pesquisa, já que uma das dificuldades que tive foi a de reunir um público para participar deste encontro. A ideia inicial era que esse espaço de narrativa fosse realizado no meu atelier, na comunidade de Palmeira Alta, Orleans – SC, mas muitos alegaram que não poderiam ir devido a distância, falta de locomoção e outros compromissos, por isso tive que marcar outra data.

Com esses desencontros de remarcar datas e locais para a realização da oficina, entendendo que o convite de participação estava aberto para todos os professores de arte. Pude perceber que o Curso de Artes Visuais – Licenciatura, proporciona momentos de experiências estéticas, nas aulas de produção artística como: cerâmica, pintura, gravura, serigrafia, teatro, performance. O curso também propõe visitas a exposições de Arte, viagens de estudo e bienais de Arte. A partir do público de seis professores que participaram da oficina lanço os seguintes questionamentos: será que os professores estão realmente ampliando o seu repertório? Frequentam exposições de Arte? Ou apenas vivem em função da escola e do ensino de arte? Para Carvalho (2005, p.120)

[...] a experiência de profissionais da educação nos diversos espaços culturais pode atuar no sentido de informar seu olhar, sensibilizar e flexibilizar seu conhecimento e propiciar situações que se configurem como importantes momentos de aprendizagem do ponto de vista cultural, político, ético e estético.

Entendo que os espaços culturais contribuem para a ampliação dos repertórios dos professores na perspectiva que com os repertórios ampliados proporcionem aos seus alunos momentos de produção e apropriação, para que tenhamos uma sociedade mais crítica, sensível e que saiba valorizar e buscar experiências/vivências com a Arte, valorizando a disciplina de arte e o professor de arte.

No encontro da oficina com os professores as suas falas foram registradas para posteriormente serem transcritas e analisadas. Apresento os participantes da pesquisa com as letras de A a F, já que não pedi autorização para utilizar os seus nomes e coloco as suas falas entre aspas e escrito em itálico. No primeiro momento mostrei as imagens das minhas produções no data-show e comentando sobre o processo criativo de cada uma, e que utilizo várias técnicas e

materiais, além de também utilizar os porongos que coloquei como tema principal da oficina.

Figura 17: Contextualização das minhas produções artísticas.



Fonte: Arquivo do pesquisador

E logo vieram algumas perguntas: *“De onde vêm os porongos?”*, *“Para que servem”*, *“Os porongos são comestíveis?”*. Junto com o grupo fui construindo falas de que os porongos são plantados por mim e pelo meu pai, que não são comestíveis e que são *“utilizados para fazer cuias de tomar chimarão”* afirma o professor A. Relata o participante D que *“dá pra fazer artesanato, mas nunca tinha visto obras de Arte com porongos, super interessante...”*.

A professora Silemar e o marido se despediram do grupo e foram para outro compromisso. Depois dos participantes terem conhecido sobre os porongos e as produções artísticas, disse para eles que tínhamos porongos para eles criarem alguma coisa, objeto ou personagem. E que cada um poderia ver na própria forma do porongo a inspiração para a criação. Depois de fascinados pelos diferentes formatos dos porongos foram serrando, montando, colando e pintando, dando forma ao objeto criado e costurando uma conversa que desenho a seguir.

Figura 18: Conhecendo os porongos



Fonte: Arquivo do pesquisador

Podemos observar na imagem acima que pelos olhares dos participantes eles estavam bastante envolvidos e curiosos enquanto conheciam os porongos. A professora A afirma com bastante convicção *“eu já tenho a resposta para o teu problema de pesquisa. Os professores não ampliam os seus repertórios, nas exposições de Arte que vou poucas vezes encontro um ou dois professores.”* Para a professora B *“a escola cansa muito os professores, pensa um professor que trabalha de manhã, de tarde e de noite, por mais que tenha exposições artístico-culturais para ele assistir ele provavelmente vai fazer outras coisas.”* Será a rotina corrida de um professor está impedindo que essa ampliação de repertório aconteça? Será que o professor está trabalhando demais e não tendo tempo para alimentar seu repertório?

Para a professora C *“os professores de arte buscam atender o planejamento das aulas, o gosto pela Arte fica sendo sempre gerar uma nota...”*. Relata D *“eu procuro sempre imagens e gosto de sempre buscar novos conteúdos de arte, de inovar, e quando pesquiso principalmente na Internet, amplio o meu repertório pesquisando, pois conheço novos artistas e suas obras”*. A sua ampliação de repertório está ligada aos conteúdos que escolhe para seus alunos mesmo sendo pela Internet, as falas deste professor vem de contradição ao que diz Coli (2006) nada substitui uma experiência com a própria obra de Arte.

Pelos meios de comunicação podemos conhecer as obras de Arte, os interiores dos museus e galerias de todas as partes do mundo, mas quando entramos em um museu ou galeria e ficamos frente a frente com uma obra de Arte são outras as sensações e emoções, uma experiência talvez não provocada quando conhecemos obras de Arte pelos meios de comunicação. (LEITE, 2005)

A professora B disse que *“saiu de casa com a ideia pronta queria fazer rei de porongos”*, pude perceber que essa professora se envolveu dias antes da oficina em pesquisar o que produzir. Como também a participante E disse que *“fez um boneco para o seu filho e que as crianças adorariam conhecer as minhas obras de porongos”*.

Em um momento da oficina pude perceber que a fala dos professores se direcionou um pouco mais aos desafios da disciplina de arte na escola, as lutas diárias de todos os professores pela especificidade da Arte, como área do conhecimento e não de estar na escola a serviço de outras disciplinas, de conseguir uma sala de arte para os alunos, materiais acessíveis a todos. *“Tratar a arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para esse enfoque do ensino de arte.”* (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2010, p.12).

Como afirma B *“quem faz a disciplina de arte é o professor”*, reafirmo junto a esta fala que quanto mais o professor se mobilizar em prol de propor um ensino de qualidade para os seus alunos mais ele contribuirá para a valorização do ensino de arte.

Os professores também discutiram as possibilidades de trabalhar as minhas produções artísticas na escola, propondo propostas que os alunos possam pintar os porongos, A diz que *“podemos abordar a arte indígena e africana”* e fazer referência as minhas produções como um artista regional. As expressões regionais devem ser abordadas nas aulas de arte, valorizando assim a cultura de cada região, assim como a arte indígena e africana. (BRASIL, 1996)

Figura 19: Iniciando as produções



Fonte: Arquivo do pesquisador

A professora E, estava envolvida em serrar, montar e pintar os porongos,

na ideia de produzir um boneco de braços abertos. Enquanto os outros professores procuravam pintar todas as partes dos porongos a professora-artista F, buscou explorar a cor natural, afirmando que *“é possível sim, ser artista e professora, por que todos os dois se alimentam de Arte, a Arte educa. O teu trabalho com porongos é lindo, o porongo passou a representar você, e adoro a cor natural deles, você também pode explorar isso. Pode criar uma instalação com vários tamanhos de porongos, fazer pirogravuras neles, muitas coisas, isso que é a vantagem da Arte podemos nos utilizar de vários materiais”*. Leite (2005, p.23) *“o que vigora, hoje, na Arte não é apenas o conhecimento sensível ou mesmo a beleza – é a inteireza, a significação. É um campo privilegiado das experiências estéticas.”*

Pude perceber que os professores foram criativos nas produções, D fala *“que experiência bacana, este é um momento de criação, cada professor está criando alguma coisa”* F afirma *“na sala de aula nós norteamos o processo criativo dos alunos, por isso que é importante esses nossos momentos de criação”*.

Mesmo que o professor não seja um artista nada o impede que ele se proponha a experimentar/vivenciar a Arte, procurando esses momentos de criação, independente do domínio de técnicas artísticas, o importante é a experimentação, tudo contribui para a ampliação de repertório. Encontro no PPC de Artes Visuais – Licenciatura UNESC (2014, p.20) que *“a formação do professor envolve a construção de competências com relação aos conhecimentos estéticos, artísticos e pedagógicos ou da docência.”* Ao falar de formação de professores, venho no reencontro com Paulo Freire (2011), que trouxe o conceito de inacabamento, ou seja, nos formamos na graduação, mas a formação de todo ser humano e do professor continua.

No final da oficina reunimos todas as produções em uma mesa e nos dirigimos ao redor, para que cada participante pudesse falar um pouco do processo criativo do que produziram.

Figura 20: As produções finalizadas



Fonte: Arquivo do pesquisador

Os professores falaram que foi bastante proveitosa à oportunidade que tiveram em conversar um pouco sobre Arte, aulas de arte, os desafios dos professores de arte. Afirmo que esse encontro contribui muito para a ampliação das nossas bagagens culturais, levamos em nossas malas muitas experiências vividas.

5 AMPLIANDOS OLHARES COM OS ARTISTAS REGIONAIS

1 TEMA: ARTISTAS REGIONAIS.

1.1 TÍTULO DO PROJETO: Artistas regionais: ampliando o diálogo com o ensino da arte.

2 EMENTA: Ampliação de repertório artístico-cultural. Produção e apropriação. O artista regional e as aulas de arte.

3 CARGA HORÁRIA: 8 horas de curso.

4 PÚBLICO ALVO: Professores de arte.

5 JUSTIFICATIVA

Durante o percurso desta pesquisa pude perceber que os professores muitas vezes deixam de lado a ampliação dos repertórios. Entendendo que a formação dos professores é um processo de permanente busca de metodologias de sustentação do ensino da arte exigindo se alimentar constantemente de Arte, visitar museus e exposições, ir ao teatro, ao cinema e tantos outros lugares e formas que a Arte é apresentada na contemporaneidade. Professores de arte que almejam novas experiências estéticas, para Leite (2008, p.60) “não se trata de apenas de ver ou ouvir, ou de cheirar ou provar, mas de dar significações ao visto, vivido, ouvido, sem desconectar cognição e afetividade”.

O que venho propor nesta proposta de curso são momentos de ampliação de repertório para professores de arte, na perspectiva de promover a Arte na região sul do estado de Santa Catarina. Entendendo a importância dos professores de arte conhecerem a Arte regional. Entendendo por artistas regionais os da região sul do estado de Santa Catarina. Em específico aqueles que participaram junto comigo da II Coletiva de Artista do Sul⁷ os artistas: Alenir Fernandes de Souza Dalpiaz,

⁷ Aconteceu no Espaço Cultural da UNESCO “Toque de Arte”, Criciúma - SC no período de 12 de agosto à 12 de setembro de 2014, com o tema Arte e Cidade – cartaz da exposição nos anexos

Alexandre Candido Antunes, Angélica Neumaier, Baltazar Cadorin Zeferino, Celso Daniel Pieri Filho, Deise Cristina Venson Pessi, Denise Velho da Silva, Dilma Zuchinalli, Elke Otte Hulse, Fernando dos Santos de Souza, Izabel Cristina Marcílio Duarte, José Roberto da Silva, Laborativo, Lucas Uggioni Bonfante, Maicon Marcelino Montovani, Maira Pedroso, Marcos Otávio Dagostin, Nathalia Barros Silvestre, Neusa Milanez, Odete Angelina Calderan e Pricilla Ferro Salvaro.

A Arte é importante para Pillotto (2007, p. 19), pois promove a “ produção de sentidos, trata da percepção, da emoção, da imaginação, da intuição, da criação, elementos fundamentais para a construção humana”. A Arte contribui para a sensibilização, (re)significando as formas de ver o mundo.

Dialogando com a LDB (BRASIL, 1996, p. 19) que propõe no artigo 2º, “o ensino de arte, especialmente em suas expressões regionais, [...] de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.” Na perspectiva de valorizar os artistas regionais, caminhando além daquilo que conhecemos dos artistas e da história da Arte abordada nos livros trazendo artistas chamados de famosos, pois o contato com o artista pode vir a melhor (re)significar a Arte na sua dimensão maior para os alunos e professores.

6 OBJETIVOS:

6.1 GERAL

Proporcionar aos professores de arte um momento de ampliação do repertório artístico-cultural valorizando os artistas regionais, fomentando momentos de produção com os professores.

6.2 ESPECÍFICOS:

- Proporcionar momentos de ampliação de repertório artístico-cultural para professores de arte;
- Promover a arte na região sul do estado de Santa Catarina.
- Ressaltar a importância da abordagem do tema expressões regionais como contempla a Lei de Diretrizes e Bases 9.394/96;

- Estreitar cada vez mais a relação do professor de arte com artistas regionais por meio de um exercício do fazer artístico;

7 METODOLOGIA

7.1 PRIMEIRO MOMENTO DO CURSO

Nos apresentaremos e contextualizando o projeto de curso, em seguida falarei da importância da ampliação do repertório artístico-cultural para os professores de arte. E com o auxílio do data-show mostrarei as imagens das produções artísticas dos artistas que participaram junto comigo da II Coletiva de Artista do Sul e pedirei para cada participante escolher uma produção para comentar no final do encontro o porquê da escolha, o que mais lhe chamou a atenção na obra.

7.2 SEGUNDO MOMENTO DO CURSO

Em um outro encontro receberemos os artistas regionais convidados. Os professores terão um momento de conversa com os artistas para contextualizar cada produção artística, iniciaram uma produção utilizando a técnica que o artista utilizou na obra que ele escolheu no encontro anterior. No final cada professor socializará para o grupo sua produção.

REFERÊNCIAS DA PROPOSTA

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/17820>>. Acesso em: 21 de agosto de 2014.

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: discutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (orgs) **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008 p. 54-74.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. Chapecó: Ed. Argos, 2008.

6 CONCLUSÃO: NOVOS CAMINHOS

O que aqui chamo de conclusão não representa o fim deste trabalho, apenas uma fatia de novos caminhos, um chão está construído a partir do que busquei entender com os autores que falam de Arte, formação de professores, ensino de arte, ampliação de repertórios com a produção e a apropriação cultural, norteado pelo problema de pesquisa: **Os professores de arte buscam ampliar seu repertório artístico-cultural considerando o que o Curso de Artes Visuais – Licenciatura UNESC propõe no seu período de formação?** Dialogando com as minhas questões norteadoras sobre como se dá esta ampliação de repertório, se os professores estão inseridos no mundo da Arte ou apenas vivem em função de preparar aulas de arte?

Com o meu desejo de querer sempre conhecer mais sobre a Arte desde a minha infância, e que venho buscando nas aulas de arte que tive na educação básica, depois na graduação e as vivências/experiências vou me construindo como artista, apreciador da Arte e professor de arte.

Na pesquisa de dados pude perceber que poucos professores ampliam os seus repertórios artístico-culturais, um número de seis professores compareceram a oficina, havia marcado em uma outra data mais por falta de público tive que remarcar para esse encontro do dia 18 de outubro. A fala que a professora B trouxe, *“os professores não ampliam os seus repertórios”*. Me fizeram questionar o porquê eles não ampliam, é por falta de tempo? Interesse? Ou eles não tem o costume de ampliar o seu repertório depois de formado? Será que os professores não se interessam ou na nossa região não temos espaços artístico-culturais o suficiente para mais esses professores de Arte. Esses são alguns questionamentos que exigem outras pesquisas. Mas tomei como respostas as falas dos professores para apontar novos caminhos.

Os seis professores que compareceram a oficina apresentaram uma posição muito importante em relação aos que não vieram, o próprio ato de sair de casa em um sábado de manhã chuvoso para ir a um lugar para ouvir, falar, ver e produzir Arte, já mostra que esses professores buscam se alimentar de Arte.

Considerando que a oficina também buscou contribuir para a ampliação do repertório dos professores e não somente para a minha coleta de dados, as falas

que busquei ouvir fomentadas pelas palavras coladas nas mesas, eu me apresentado como artista, as imagens das minhas produções mostradas, a obra “Os espanhóis” pendurados na sala, foram pensadas em contribuir nas bagagens dos professores de arte que se aventuraram nesse desafio comigo.

Defendo a visitação de espaços artístico-culturais para a ampliação de repertório, para que os professores possam compreender que estes espaços estão abertos para contribuir com experiências estéticas e não como lugares de guardar coisas antigas. A importância de ter um contato direto com as obra de Arte, buscando experiências que vão além de conhecer as produções artísticas pelos livros e os meios de comunicação, a Arte deve mover primeiro o professor e nutrido ele proporcione momentos de nutrição estética para seus alunos e esses busquem se nutrir.

Ressalto também a importância da formação continuada para os professores de arte, sempre buscando compreender as novas metodologias, conceitos e tecnologias que norteiam o ensino da arte. A ampliação de repertório se dá pela produção e apropriação artístico-cultural, um professor com o olhar ampliado pode aguçar novos olhares em seus alunos. Faço um convite: ampliem suas bagagens.

REFERÊNCIAS

ANDRÉS, Maria Helena. Os caminhos da arte. -2 ed. rev. e aun. –Belo Horizonte: C/Arte, 2000.

ARSLAN, Luciana Mourão; IAVELBERG, Rosa. Ensino de Arte. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em:

<<http://bd.camara.gov.br/bd/handle/bdcamara/17820>>. Acesso em: 25 ago. 2014.

_____.Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência.

Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2014.

CAUQUELIN, Anne. **Arte contemporânea: uma introdução**. - tradução Rejane Janowitz) – São Paulo: Martins, 2005.

CARVALHO, Maria Cristina M. Pereira de. Espaços de cultura e formação de professores/monitores. *In*: LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com a arte**. Campinas: Papirus, 2005, p. 117-139.

COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

CUNHA, Diego da Silva. **Uma experiência sobre o processo formador de professores de arte pela Universidade do Extremo Sul Catarinense e as possibilidades do professor-artista em sala de aula**. 2013. [74] f. TCC (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2013. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/handle/1/2212/Diego%20da%20Silva%20da%20Cunha.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 out. 2014.

DUARTE JR., João-Francisco. **Por que arte-educação**. 22^oed. – Campinas, Sp: Papirus, 2012.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende e. Metodologia do Ensino de Arte. 2^a Ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GABRE, Solange. Mediação cultural par a pequena infância: desafios dos museus *In*: PILLOTTO, Silvia Sell Duarte; BOHN, Letícia Ribas Diefenthaeler. (orgs)

Arte/Educação: ensinar e aprender no ensino básico. Joinville, SC: Editora Univille, 2014, p. 155 à 164.

GOULARTE, Audemaro Taranto. **A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica.** 2004. Disponível em:<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/580>> Acesso em: 25 set. 2014

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. A formação do professor (re)significada nos espaços de narrativa. *In:* FRITZEN, Celdon; MOREIRA, Janine (orgs); **Educação e Arte: as linguagens artísticas na formação humana.** 7 ed. – Campinas, SP: Papirus, 2011.

JANSON, H. W.; JANSON, Anthony F. **Iniciação à história da arte.** 2 ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1996.

LEITE, Maria Isabel. Educação e as linguagens artístico-culturais: processos de apropriação/fruição e de produção/criação. *In:* CELDON, Fritzen; MOREIRA, Janine (orgs) **Educação e arte: as linguagens artísticas na formação humana.** 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 2011 p. 27-36.

LEITE, Maria Isabel. Experiência estética e formação cultural: rediscutindo o papel da cidade e de seus equipamentos culturais. *In:* MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (orgs) **Ensaio em torno da arte.** Chapecó: Argos, 2008 p. 54-74.

LOPES, Denílson. Da estética da comunicação a uma poética do cotidiano. *In:* GUIMARÃES; LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos (orgs) **Comunicação e experiência estética.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 116-150.

LOPES, Ivana Maria; RODRIGUES, Victor Hugo Guimarães. Despertando sensibilidades na formação de professores de Artes. *In:* OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ, Fernando (orgs). **A formação do professor e o ensino das artes visuais.** Santa Maria, RS: UFSM, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste. Curadoria Educativa: uma pesquisa com educadores. *In:* MARTINS, Alice Fátima; COSTA, Luís Edegar; MONTEIRO, Rosana. (Orgs) **Cultura visual e desafios da pesquisa em artes.** v 2 . Goiânia: ANPAP, 2005, p. 522-532.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

_____. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**
MARTINS, Mirian Celeste, PICOSQUE, Gisa e GUERRA, M. Terezinha Telles.
São Paulo: FTD, 2010.

MINAYO, Cecília de Souza (org.). O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 9-29.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho. Relações entre linguagens. In: MAKOWIECKY, Sandra; OLIVEIRA, Sandra Ramalho (Orgs). **Ensaio em torno da arte**. Chapecó: Argos, 2008. p. 75-97.

OLIVEIRA, Marilda; LAMPERT, Josieli. Artes Visuais e o campo de estágio curricular. **Revista Nupeart**, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3072/2268>>. Acesso em: 30 ago. 2014

PEREIRA, Marcos Villela. Educação estética e interdisciplinaridade. In: CORRÊA, Dutra Ayrton. (Org). **Ensino de artes: Múltiplos olhares**. Ijuí: Unijuí, 2004. p.215-236.

PILLAR, Anelice Dutra. Educação e Estética, arte e cultura do cotidiano. In: MEIRA, Marly Ribeiro (org.). **Educação e Estética**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2001. p. 120-140.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte. A arte e seu ensino na contemporaneidade. Chapecó: Ed. Argos, 2008.

NARDIM, Heliana Ometto; FERRARO, Mara Rosângela. Artes Visuais na contemporaneidade: marcando presença na escola. In: **O ensino das artes: construindo caminhos**. Campinas: Papyrus, 2001 p. 181-224.

SANTA CATARINA. Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas Curriculares. Florianópolis: COGEN, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2005. p. 132.

TOLDO, Rafael. **O ensino da arte (re) significado no curso de artes visuais: reflexões a partir da produção artística dos alunos**. 2010. [47] f. TCC (Graduação em Artes Visuais - Licenciatura) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2010. Disponível em: <<http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/00004B/00004B2A.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2014.

UNESC. **PCC artes Visuais Unesc**: Disponível em: <http://www.unesc.net/portal/resources/42/arquivos/ppc_-_artes_visuais_-_licenciatura.pdf>. Acesso em: 02 Nov. 2014.

YUNES, Virgínia Maria. SILVA, Silemar Maria. Falando de processo de produção e apropriação: a instalação e a exposição fotográfica "Deixando Marcas". In: MARTINS, Alice Fátima; COSTA, Luís Edegar; MONTEIRO, Rosana. (Orgs) **Cultura visual e desafios da pesquisa em artes**. v 2 . Goiânia: ANPAP, 2005, p. 240-249.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A – AUTORIZAÇÃO

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ACADÊMICO: LEANDRO JUNG PROFESSORA ORIENTADORA: SILEMAR MARIA DE MEDEIROS DA SILVA</p>
---	---

AUTORIZAÇÃO

Neste ato, eu _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador da Cédula de identidade RG nº. _____, inscrito no CPF/MF sob nº _____, residente à Av/Rua _____, nº. _____, município de _____/Santa Catarina. Autorizo o uso de imagem durante o espaço de narrativa: CAMINHOS DE UM PROFESSOR-ARTISTA EM FORMAÇÃO..., bem como das produções realizadas no mesmo e minhas falas referentes as vivências proporcionadas. O registro realizado por meio do espaço de narrativa, fotografias e vídeos completa o banco de dados do pesquisador para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Leandro Jung orientado pela professora Silemar Maria de Medeiros da Silva. A pesquisa é intitulada de **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTES NA PERSPECTIVA DA APROPRIAÇÃO E DA PRODUÇÃO ARTÍSTICO CULTURAL**. Estou ciente de que as imagens e falas realizadas de minha produção poderá ser apresentadas também como registro em seminários, exposições, entre outros. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

_____, dia _____ de _____ de _____.

(assinatura)

Nome:

Telefone p/ contato:

APÊNDICE B – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

	<p>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC CURSO DE ARTES VISUAIS – LICENCIATURA DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO ACADÊMICO: LEANDRO JUNG PROFESSORA ORIENTADORA: SILEMAR MARIA DE MEDEIROS DA SILVA</p>
---	---

**FICHA DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE NO ESPAÇO DE NARRATIVA :
 CAMINHOS DE UM PROFESSOR-ARTISTA EM FORMAÇÃO...**

Nome completo:

Endereço:.....

E-mail:

Curso de formação:

Ano de formação: Instituição:.....

ATUAÇÃO COMO DOCENTE: () SIM () NÃO () OUTROS:

.....

Escola:

Cidade:

Faixa etária:.....

Quantas horas semanais de atuação:

.....

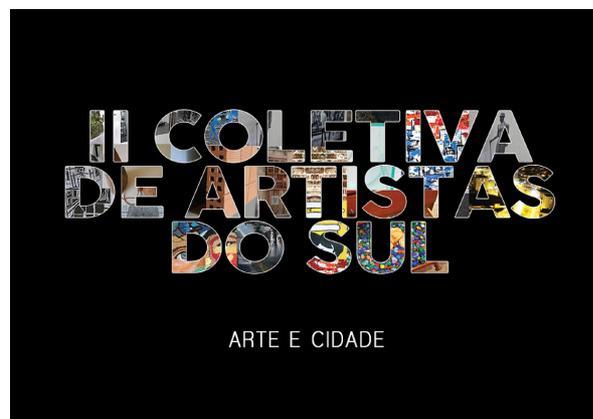
Criciúma, dia 18 de outubro de 2014

ANEXO(S)

ANEXO A – CARTAZ DA I COLETIVA DE ARTISTA DO SUL E II COLETIVA DE ARTE CATARINENSE

<p>A. Neumaier - Alenir - Alexandre Antunes - Andy Pie - Celso Pieri Chibita - Deise Pessi - Dela Souza - Edna Avila - Él - Elke Hülse - Guilherme de Quadra</p> <p>I Coletiva de Artistas do Sul II Coletiva de Arte Criciunense</p> <p>Hilda Flor - Juliana Natal Leandro Jung - Machado - Maduré Marcius - Mariana Dal Molin Meri - Nice - Odete Calderan Polly - Rosina de Franceschi</p>	<p>A Universidade do Extremo Sul Catarinense, a Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão e o Setor Arte e Cultura em parceria com a Fundação Cultural de Criciúma/ Galeria de Arte convidam para a exposição:</p> <p>I Coletiva de Artistas do Sul II Coletiva de Arte Criciunense</p> <p>Abertura: 27 de setembro de 2014 20h30 - Espaço Cultural UNESC "Toque de Arte".</p> <p>Visitação de 28 de setembro a 03 de novembro de 2014.</p> <hr/> <p>Espaço Cultural Unesc "Toque de Arte" - Hall de Exposições - Av. Nelson Brihi, 1105 - Bairro Universitário - 88805-000 - Criciúma/SC - Informações e agendamentos para visitas mediadas: cultura@unesc.net - 48 3431-2622 - www.unesc.net</p> <hr/> <p>Realização</p> <p>    </p> <p>Agem sempre com Cultura e Sempre Bem Vindo!</p>
--	--

ANEXO B – CARTAZ DA II COLETIVA DE ARTISTA DO SUL



A Universidade do Extremo Sul Catarinense, por meio da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão e o Setor Arte e Cultura convidam para a exposição:

II COLETIVA DE ARTISTAS DO SUL ARTE E CIDADE

A. NEUMAIER - ALENIR FERNANDES - ALEXANDRE ANTUNES - BALTAZAR CADORIN
CACO MONTOVANI - CELSO PIERI - D. ZUCHINALLI - DEISE PESSI - DENISE VELHO
ELKE HÜLSE - FERNANDO SOUZA - IZABEL DUARTE - JOSÉ ROBERTO DA SILVA
LABORATIVO - LEANDRO JUNG - LUCAS BONFANTE - MAIRA PEDROSO - MARCOS DAGOSTIN
NATHALIA SILVESTRE - NEUSA MILANEZ - ODETE CALDERAN - PRICILLA FERRO

ABERTURA
12 de agosto de 2014, às 20h no Espaço Cultural Unesc "Toque de Arte".
Participação cultural do Coral Unesc.

VISITAÇÃO
12 de agosto a 12 de setembro de 2014, das 9h às 22h.
Informações e agendamentos para visitas mediadas: cultura@unesc.net - 48 3431-2622.

Patrocínio:
Espaço Cultural Unesc "Toque de Arte"
Hall do Bloco Administrativo do UNESC
Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário
88805-000 - Criciúma/SC - www.unesc.net
www.facebook.com/arteculturaunesc

Realização:
   

*Projeto aprovado no Edital nº 004/2013 Cultura Criciúma.